



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LELIZÂNIA MARTINS DE SOUZA

**O PROFESSOR DE APOIO COMO MEDIADOR NA APRENDIZAGEM DE
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM UMA
ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE AMARGOSA/BA**

AMARGOSA/BA

2019

LELIZÂNIA MARTINS DE SOUZA

**O PROFESSOR DE APOIO COMO MEDIADOR NA APRENDIZAGEM DE
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM UMA
ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE AMARGOSA/BA**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como obtenção do título licenciada em Pedagogia.

Profº Dr. Irenilson de Jesus Barbosa.

AMARGOSA/BA

2019


LELIZÂNIA MARTINS DE SOUZA

**O PROFESSOR DE APOIO COMO MEDIADOR NA APRENDIZAGEM DE
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM UMA
ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE AMARGOSA/BA**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como obtenção do título licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 26/02/2019.

BANCA EXAMINADORA



IRENILSON DE JESUS BARBOSA - Orientador
Doutor em Educação – Universidade Federal da Bahia – UFBA



DJEISSOM SILVA RIBEIRO – Avaliador 01
Doutor em Educação – Universidade Estadual Paulista – UNESP



MARIA EURÁCIA BARRETO DE ANDRADE – Avaliador 02
Doutora em Educação – Universidade Americana - UA

Dedico este trabalho a todas as mães que têm filhos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista, para que nunca desistam dos seus objetivos e a todos os professores de apoio por ser um elemento fundamental no processo de inclusão dessas crianças.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todos que contribuíram para o desenvolvimento da presente monografia, é uma forma de manifestar gratidão e carinho pela participação de todos, que tornaram-se peças fundamentais para que esse sonho se concretizasse na minha vida. Então, de um modo em geral, venho a agradecer a cada uma das pessoas que foram essenciais nessa caminhada para a conclusão de mais um ciclo, e um começo de novas oportunidades.

Primeiramente venho a agradecer a Deus pela vida que me deu com saúde para enfrentar cada novo amanhecer. E pela coragem de seguir, mesmo quando tudo parecia tão difícil.

Ao meu filho Márcio Henrique pela compreensão em todos os momentos em que precisei ficar fisicamente distante dele devido aos estudos, mas que, me apoiou e demonstrou carinho e paciência, me motivando para concluir mais esse sonho na minha vida.

À minha filha Érika que, sempre foi minha amiga e companheira em todos os momentos da minha vida, pela compreensão e generosidade em assumir responsabilidades durante as minhas ausências. Foi uma das pessoas essenciais na minha caminhada, pois me ajudava em tudo o que eu precisava, e, além disso, me apoiava em todas as horas de dificuldades e alegrias encontradas na construção da monografia, e na caminhada da graduação.

Ao meu filho Abraão que, embora pequeno, compreendeu minha ausência em alguns momentos de sua vida.

Às minhas irmãs Vânia e Ane que me apoiaram e me incentivaram a todo momento, com belas palavras de carinho e de estímulos e orações que foram fundamentais para me manter em pé e lutar pelos meus objetivos.

Ao meu orientador professor Dr. Irenilson de Jesus Barbosa, pela confiança, compreensão e sensibilidade. Obrigada por ter acreditado em mim durante toda a escrita dessa monografia, e por ter me ajudado em todo o momento, a sua participação foi fundamental para a concretização dessa pesquisa.

Ao corpo docente da UFRB pelos ensinamentos repassados em sala de aula que foram de fundamental importância para minha formação, como também para a construção dessa monografia. Dessa forma, não poderia deixar de manifestar a minha

gratidão, pois a participação de todos, deixou marcas significativas em toda a minha caminhada.

Às amigas, professoras de apoio, que me ajudaram e permitiram que fosse feita a entrevista para a realização deste trabalho. A participação de vocês contribuiu de maneira significativa para compreender um pouco mais sobre o meu objeto de estudo. Meu muito obrigada!

Aos colegas da turma do curso de Licenciatura em Pedagogia, pelo apoio e ensinamentos construídos durante toda a caminhada que passamos juntos no decorrer de todos esses anos.

Aos professores da banca examinadora professor Dr. Djeissom Ribeiro Silva e a professora Dr. Maria Eurácia Barreto de Andrade que se disponibilizaram em fazer a leitura de toda a escrita dessa monografia, além de contribuírem significativamente expondo os seus pontos de vista, e trazendo contribuições valiosas para a concretização e consolidação.

E a todos os meus parentes e amigos que se alegram comigo na realização de mais um sonho

“Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros?”

(Leminski)

RESUMO

O presente estudo monográfico traz algumas reflexões relevantes sobre o processo de ensino e aprendizagem das crianças autistas, bem como vem ocorrendo a inclusão desses alunos na rede regular de ensino, sendo que o professor cumpre um papel fundamental nesse processo. Para tanto, buscando uma melhor compreensão as questões pertinentes da presente pesquisa, foi delimitado o seguinte objetivo principal: compreender como o professor de apoio, auxiliaria o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TEA na rede regular de ensino, bem como a sua inclusão, proporcionando o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. E tem como objetivos específicos: perceber a relação entre o professor de apoio mediador e os alunos com TEA; analisar a metodologia utilizada pelo professor de apoio como mediador no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TEA; compreender como as atividades adaptadas utilizadas pelo professor mediador em suas metodologias, auxiliam no desenvolvimento cognitivo dos alunos com TEA. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a metodologia qualitativa de pesquisa, a qual possui grande relevância para uma melhor compreensão dos fenômenos sociais em sua totalidade. Dessa maneira, para a recolha de dados, foram utilizados como instrumentos a revisão bibliográfica e pesquisa de campo com entrevista semiestruturada. Nesse sentido, foram utilizados alguns aportes teóricos que contribuíram para uma melhor compreensão do tema, tais como: Alexandre (2015). Costa (2017); Fernandes e Silva (2016); Ferreira (2017); Melo (2014); Silva (2018) e Sousa (2015). Em síntese, o tema proposto, possibilitou uma melhor compreensão acerca da inclusão e do processo de ensino e aprendizagem das crianças autistas nos espaços escolares, como também a importância do professor em sala de aula. Diante disso, como foi discutido ao longo do texto, podemos perceber a grande relevância da escola para a formação pessoal e social de todos os envolvidos nesse processo. Para tanto, as discussões tecidas em todo o texto, mostra os desafios que precisam ser superados nas redes regulares de ensino, na educação de crianças autistas.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Ensino e Aprendizagem; Educação Inclusiva; Formação Docente; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

The present monographic study brings some relevant reflections about the teaching and learning process of autistic children, as well as the inclusion of these students in the regular network of teaching, and the teacher plays a fundamental role in this process. In order to achieve a better understanding of the pertinent questions of the present research, the following main objective was defined: to understand how the support teacher would help the teaching and learning process of students with ASD in the regular network of teaching, as well as their inclusion, providing their cognitive and affective development. And it has specific objectives: to perceive the relationship between the teacher of mediator support and the students with ASD; analyze the methodology used by the support teacher as mediator in the teaching and learning process of students with ASD; understand how the adapted activities used by the mediator teacher in their methodologies, help in the cognitive development of students with ASD. For the development of the research was used the qualitative methodology of research, which has great relevance for a better understanding of the social phenomena in their totality. In this way, for the data collection, the bibliographical review and field research with semi-structured interviews were used as instruments. In this sense, some theoretical contributions were used that contributed to a better understanding of the theme, such as: Alexandre (2015). Costa (2017); Fernandes e Silva (2016); Ferreira (2017); Melo (2014); Silva (2018) and Sousa (2015). In summary, the proposed theme allowed a better understanding of the inclusion and teaching and learning process of autistic children in school spaces, as well as the importance of the teacher in the classroom. Given this, as discussed throughout the text, we can see the great relevance of the school for the personal and social formation of all those involved in this process. To that end, the discussions throughout the text show the challenges that need to be overcome in regular educational networks, in the education of autistic children.

KEY WORDS: Autistic Spectrum Disorder; Teaching and learning; Inclusive education; Teacher Training; Pedagogical practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Atividade Adaptada	66
Figura 2: Atividade Adaptada	67
Figura 3: Atividade Adaptada	68
Figura 4: Atividade Adaptada	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Atendimento Educacional Especializado – AEE;

Centro de Formação de Professores – CFP;

Lei de Diretrizes e Bases – LDB;

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs;

Projeto Político Pedagógico – PPP;

Transtorno do Espectro Autista – TEA;

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS: UM OLHAR SOBRE A INCLUSÃO E A FORMAÇÃO DOCENTE	19
2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	19
2.2 INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO.....	25
2.3 O PROFESSOR DE APOIO PARA CRIANÇAS AUTISTAS NA REDE REGULAR DE ENSINO: IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA	30
3. METODOLOGIA: TRILHANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA	35
3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA DE PESQUISA E A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	35
3.2 PESQUISA DE CAMPO	39
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	41
3.4 ANÁLISE DE DADOS	41
4. O PROCESSO DE INCLUSÃO E APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS AUTISTAS NA REDE REGULAR DE ENSINO: IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE APOIO.....	44
4.1 CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR DE APOIO PARA AS CRIANÇAS AUTISTAS.....	45
4.2 A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS AUTISTAS EM SALA DE AULA NA REDE REGULAR DE ENSINO	50
4.3 PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS AUTISTAS, ATIVIDADES ADAPTADAS E A FORMAÇÃO DOCENTE.....	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
6. REFERÊNCIAS	74

APÊNDICES	80
------------------------	-----------

1. INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da Educação Inclusiva para as crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) na rede regular de ensino são essenciais para a Educação e para a sociedade. Assim, o trabalho faz inferência ao processo histórico da Educação Inclusiva para as crianças autistas, e o papel do professor de apoio em sala de aula. Dessa maneira, foi realizada uma pesquisa em uma escola pública do Município de Amargosa/Ba com professoras de apoio que atuam em sala de aula para auxiliar a criança autista e o professor regente. Além disso, para uma melhor compreensão do tema proposto, a pesquisa está ancorada na metodologia qualitativa de pesquisa, tendo a entrevista semiestruturada para a coleta de dados.

A participação do professor de apoio¹ em sala de aula torna-se essencial para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem das crianças autistas, uma vez que demandam de atividades adaptadas na promoção do seu desenvolvimento e no processo de inclusão dessas crianças na rede regular de ensino. Sabemos que as redes regulares de ensino, atendem à diferentes públicos com perfis distintos, com isso é preciso pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem das crianças com TEA, principalmente no que tange à formação docente, haja vista que os profissionais da educação, cumprem um papel primordial em sala de aula, para que as mesmas possam se desenvolver gradativamente, tanto na formação curricular da escola, quanto no seu desenvolvimento pessoal e social.

Dessa forma, é importante frisar que as crianças com o TEA possuem uma certa dificuldade para se comunicar com outras pessoas, o que acaba impactando em suas relações sociais, além de apresentar em muitos momentos, movimentos repetitivos. Nessa perspectiva, as crianças com TEA têm “dificuldade de comunicação por deficiência no domínio da linguagem e no uso da imaginação para lidar com jogos simbólicos, dificuldade de socialização e padrão de comportamento restritivo e repetitivo” (FONSECA, 2015, p. 3). Assim sendo, podemos perceber que as crianças com TEA precisam de um atendimento especializado, que possam ajuda-las em sua

¹ De acordo com a Lei 12.764/12 o profissional que atende as crianças com autismo na rede regular de ensino é chamado de acompanhante especializado, mas como a entrevista foi realizada em uma escola pública da cidade de Amargosa/Ba e a secretaria de educação utiliza o termo professor de apoio, optou-se em utilizar essa nomenclatura.

interação social, dentre outros aspectos importante para o seu desenvolvimento, e o professor de apoio cumpre um papel crucial nesse processo.

Nesse enfoque, o papel do professor de apoio como mediador, tem como objetivo, possibilitar a participação dessas crianças nas aulas e também contribuir para o desenvolvimento das funções cognitivas e na aprendizagem. Entendendo como tão bem assegura Vygotsky (2006, p.113): “o que a criança pode fazer hoje com auxílio dos adultos poderá fazer amanhã por si só”. Vê-se com isso que com uma boa mediação é possível lançar desafios e obter resultados qualitativos no desenvolvimento e na aprendizagem de novas habilidades.

Daí a importância do outro, e neste caso do professor de apoio, para que esse desenvolvimento de fato aconteça. Fazendo valer a igualdade dos direitos citados nos seguintes documentos: Constituição Federal (1988), Lei de Diretrizes e Bases – LDB (1996), Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) entre outros documentos oficiais brasileiros, que garantem as crianças com necessidades educacionais especiais o direito a frequentar escolas regulares e obterem a mesma qualidade de ensino destinado aos demais alunos de sua classe.

Para tanto, não basta apenas a criança estar incluída na sala de aula regular, é de pleno direito também, a aprendizagem, pois incluir não é só garantir o acesso ao ensino através da matrícula. Portanto, fica evidente que o processo de inclusão requer diversas modificações no ambiente escolar (seja na estrutura, materiais didáticos, salas multifuncionais, dentre outros) para melhor atender as demandas trazidas pelas diversidades existentes na sociedade, que compõem os espaços educacionais.

Nesse sentido, buscando compreender as questões pertinentes da presente monografia, foi questionado o seguinte problema de pesquisa: De que modo o professor de apoio, como mediador no processo de ensino e aprendizagem das crianças com TEA, podem contribuir no desenvolvimento cognitivo e afetivo dessas crianças inseridos na rede regular de ensino no município de Amargosa/BA?. Como objetivo geral: compreender como o professor de apoio auxilia o processo de ensino e aprendizagem das crianças com TEA na rede regular de ensino, bem como a sua inclusão, proporcionando o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. E por fim, os objetivos específicos: perceber a relação entre o professor de apoio e as crianças com TEA; analisar a metodologia utilizada pelo professor de apoio como mediador no processo de ensino e aprendizagem das crianças com TEA; compreender como as

atividades adaptadas utilizadas pelo professor de apoio em suas metodologias, auxiliam no desenvolvimento cognitivo das crianças com TEA.

Portanto, o interesse por esta pesquisa surgiu através da minha experiência como professora de apoio de uma criança com TEA em sala de aula regular. Durante o período que atuei como professora de apoio, pude perceber que estes educandos requeriam cuidado, atenção e um currículo adaptado às suas necessidades, caso contrário, ficariam excluídos da classe. Para evidenciar esse posicionamento, é possível citar Aranha (2003), o qual afirma que o currículo deverá ser pautado na ideia da diferença, isto é, não é a criança que se ajusta às condições de ensino, mas a equipe escolar é que deve responsabilizar-se em prover as mudanças que favoreçam o desenvolvimento acadêmico de todas as crianças.

A autora acrescenta que, além das adaptações contextuais há que se investir na própria criança, adotando formas diferenciadas de ensino que considere suas características individuais de desenvolvimento e aprendizagem. Assim, constata-se que o professor sozinho não consegue abarcar todas essas responsabilidades, talvez a partir, desse entendimento a Lei Berenice Piana, nº 12.764/ 12 Lei, diz que quando houver a necessidade de apoio às atividades de comunicação e interação social, a instituição deverá disponibilizar acompanhante especializado para atuar em parceria com o professor e nas demais atividades escolares. Nesse sentido, o professor de apoio, acompanha a criança diariamente, contribuindo na compreensão de suas características e na superação de barreiras que o impedem de inserir-se na vida escolar. Em outros momentos, também auxilia as crianças quando requerem ajuda em questões motoras, com exercícios específicos e adaptações para a escrita.

No que se refere à perspectiva social o presente estudo possibilitaria uma nova visão sobre o TEA, uma vez que na sociedade em geral, percebemos que grande parcela das pessoas desconhece e/ou até mesmo não busca informações sobre o autismo. Com isso, essa pesquisa busca promover uma discussão acerca do TEA, englobando novas visões e perspectivas para as famílias e a sociedade que têm um contato direto com crianças autistas.

No que se refere ao ponto de vista acadêmico a presente pesquisa, juntamente com outros estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrangeria novas discussões acerca da importância da formação docente no trabalho com as crianças autistas, principalmente na educação infantil, uma vez que é nessa etapa de

escolarização que as crianças começam a ter um contato direto com a escola, como também com outras crianças.

Para a construção do quadro teórico, foram utilizados alguns referenciais teóricos, que contribuíram para uma melhor compreensão do tema estudado, tais como: Alexandre (2015); Almeida (2017); Benini e Castanha (2016); Costa (2017); Ferreira (2017); Silva (2018) e Sousa (2015) que discutem sobre a importância e os desafios das crianças autistas na rede regular de ensino. Além disso, autores como Barbosa (2013); Melo (2014); Santos, Santos e Santana (2016); Sousa (2015) trazem algumas reflexões importantes sobre o papel do professor de apoio para a inclusão e para o processo de ensino e aprendizagem das crianças autistas. Como também, Carvalho (2014); Fernandes e Silva (2016) e Silva e Balbino (2015), os quais versam sobre a relevância da formação inicial e continuada para o atendimento das crianças autistas, dentre outros autores.

Do ponto de vista metodológico, a presente monografia está ancorada na pesquisa exploratória, com análise de entrevistas semiestruturadas respondidas pelos professores de apoio, com base na abordagem qualitativa de pesquisa. De acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 35): “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Além disso, será utilizada a Análise de Conteúdo de modo a obter dados sobre a concepção dos professores de apoio como mediador na aprendizagem da criança com TEA inseridos na escola regular. Conforme afirma Bardin (2009), a Análise de Conteúdo torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Nesse íterim, buscando uma melhor compreensão do tema da monografia e os objetivos propostos, esse estudo encontra-se estruturado em cinco capítulos, sendo o primeiro deles a presente “Introdução”. O segundo capítulo, intitulado “Breve Contextualização da Educação de Crianças Autistas: um olhar sobre a inclusão e a formação docente”, traz algumas reflexões de suma relevância sobre o processo histórico da educação especial no decorrer dos anos e como foi se constituindo nos espaços escolares. Além disso, essa seção traz ainda discussões acerca da inclusão de crianças autistas na rede regular de ensino, sendo um fator primordial para a inserção, inclusão, respeito as diversidades existentes no contexto social. Como

também versa sobre a relevância do professor de apoio nas escolas para auxiliar no trabalho com as crianças com TEA e a formação docente. O terceiro, denominado: “Metodologia: trilhando os caminhos da pesquisa” apresenta os instrumentos utilizados para a coleta de dados, a abordagem metodológica de pesquisa, como também o campo empírico para a escolha dos participantes da pesquisa. O Quarto, nomeado: “O Processo de Inclusão e Aprendizagem das Crianças autistas na Rede Regular de Ensino: importância do professor de apoio”, expõe os resultados obtidos por meio da pesquisa de campo, explorando as respostas obtidas, dialogando-as com os referenciais teóricos. E por fim, as “Considerações Finais, onde foi feita uma síntese de todas as discussões tecidas no decorrer do texto, como também algumas considerações em relação aos resultados alcançados.

Para tanto, cabe ressaltar que a seguinte frase “Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros?” (Leminski), nos traz uma profunda reflexão sobre as nossas atitudes e o nosso jeito de ver as pessoas ao nosso redor. Isso me permitiu repensar sobre a minha² primeira experiência como professora de apoio de uma criança autista. No momento que me apresentei à classe fui informada que aquela criança estava ali apenas para socializar-se e que não conseguiria aprender. Daí a importância de não olhar com os olhos dos outros e sim ter a sensibilidade de reconhecer que a capacidade de desenvolvimento de cada um requer de nós o respeito à sua individualidade, seu tempo e seu limite. Entendo que não é tarefa fácil, para a professora regente, estar em uma sala de aula com vários alunos com perfis distintos, e entre eles uma criança autista sem um professor de apoio para mediar essa criança nas atividades que requerem ajuda na comunicação, interação social e nas demais atividades escolares. Com isso, é importante ressaltar que mesmo com os obstáculos impostos pela sociedade, devemos lutar sempre pelos nossos objetivos, mostrando a nossa capacidade em vencer. Dessa forma, devemos sempre nos posicionar e pensarmos sobre a visão que temos desses sujeitos, uma vez que não são as suas limitações que os tornam menos capazes, mas sim as oportunidades que lhes são conferidas.

² Nesse momento a escrita será feita na primeira pessoa do singular, pois procuro descrever a minha inquietação pessoal sobre a frase de Lemisky relacionando com a temática em estudo.

2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS: UM OLHAR SOBRE A INCLUSÃO E A FORMAÇÃO DOCENTE

Os estudos acerca dos aspectos históricos da educação inclusiva são de fundamental importância para melhor compreendermos como foi se consolidando essa vertente no contexto educacional. Sabemos que o direito é de todos e deve ser assegurado pela família, Estado e por toda a população, uma vez que a educação é um elemento essencial para o pleno desenvolvimento dos sujeitos. Dessa forma, cabe salientar que a formação docente é de suma relevância para o atendimento de todas as crianças que fazem parte do contexto escolar, independentemente de suas especificidades, e com isso o docente precisa estar preparado para assumir uma sala de aula, promovendo um significativo e proveitoso processo de ensino e aprendizagem, incluindo todas as crianças nas atividades

2.1 BREVE INTRODUÇÃO SOBRE O AUTISMO E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

As discussões sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) compõem um tema de grande relevância para a área educacional, e com isso as crianças autistas que são inseridas na rede regular de ensino, precisam de maior atenção e cuidado na participação em sala de aula e na interação com as demais crianças nesse contexto, uma vez que as crianças autistas possuem uma certa dificuldade em se aproximar de outras pessoas, acentuando cada vez mais um afastamento do meio social. Dessa forma, “as características observadas na síndrome do Autismo variam na forma de exteriorização dos desvios de relações interpessoais, linguagem, motricidade, percepção e patologias associadas ao distúrbio” (RODRIGUES E SPENCER, 2010, p. 21).

Com base nessas características apresentadas pelos autores, podemos perceber que as crianças autistas possuem dificuldades na aproximação social, movimentam-se a todo instante, têm dificuldades de manter um foco, dificuldades na linguagem oral. Com tudo isso, é importante conhecer as características desse transtorno, pois em alguns casos é possível perceber o desconhecimento sobre o

autismo, deixando de lado ações que poderiam contribuir para o pleno desenvolvimento desses sujeitos.

Nesse sentido, é importante frisar que Leo Kanner foi um dos primeiros estudiosos a fazer pesquisas sobre o autismo. Dessa maneira, iniciou a sua investigação na década de 1943 com 11 crianças, apresentando as características evidenciadas em seu comportamento, como “a incapacidade de se relacionarem de maneira normal com pessoas e situações, desde o princípio de suas vidas” (KANNER, 1943, p. 242, *apud* BRASIL 2013, p. 17). Percebe-se então o problema na relação social, diagnosticadas em crianças autistas. Com isso, é importante conhecer os sintomas, para que possa ser possível ajudar essas crianças, a desenvolver laços afetivos com outras pessoas.

No entanto, Rodrigues e Spencer (2010, p. 22) ressaltam que: “alguns autistas até chegam a manter um contato social, porém demonstram uma forma de relacionamento bastante subjetiva, talvez até atípica aos padrões normais de relacionamento”. Essa observação foi revelada por alguns estudiosos, mostrando que os autistas podem manter um contato com outras pessoas, mas não se adequam à forma de relacionamento comum em sociedade.

Em outras situações, Kanner evidenciou outro elemento em suas pesquisas com as crianças autistas: a dificuldade na linguagem, “três das crianças de Kanner não adquiriram a fala ou raramente a usavam; as demais falaram na idade prevista ou pouco depois” (BRASIL, 2013, p. 17). Com base nisso, percebe-se que crianças autistas possuem dificuldades na comunicação, e um dos principais métodos que utilizam é a memorização das palavras enunciadas por outras pessoas. Dessa forma, decoram textos e falas para posteriormente, pronunciá-las de maneira repetitiva.

Logo “as intervenções fonoaudiológicas focam no desenvolvimento da comunicação dos autistas, demonstrando, por um lado, a importância da linguagem nas relações sociais e, por outro, as dificuldades de desenvolvimento de novas formas de comunicação” (GUEDES e TADA, 2015, p. 307). Evidencia-se, nesse contexto, a relevância do tratamento com os fonoaudiólogos para a aquisição da linguagem, tanto no que tange ao desenvolvimento das crianças autistas e também na sua interação social.

Porém, Rodrigues e Spencer (2010, p. 23) destacam que:

Em relação à capacidade de comunicações verbais e não verbais, acontecem alguns desvios marcados por distúrbios da comunicação: atrasos de aquisição da linguagem, afasia, distúrbios articulatórios, desvio fonológico, gagueira, disфонia, perdas auditivas, disartria, distúrbio de leitura e escrita.

Com relação à especificidade de cada pessoa, é importante frisar que cada caso tem suas particularidades, e no caso de crianças autistas, algumas podem desenvolver a linguagem com mais facilidade do que outras. Mas, isso não as impedem de viver uma vida social, tanto com a família, como com as demais pessoas, seja na escola, na cidade e/ou na rua onde mora, com parentes e amigos.

Dessa maneira, cabe salientar a importância do convívio social das crianças autistas, e com isso, é imprescindível que “seja inserida em um ambiente que propicie a estimulação da interação social” (RODRIGUES E SPENCER, 2010, p. 23). O ambiente em que a criança autista está inserida torna-se um local por excelência para que se desenvolva, e para que isso aconteça o espaço precisa estar adequado para atender as especificidades desse público. Para tanto, faz-se necessário conhecer um pouco sobre os aspectos históricos da educação especial no Brasil.

É importante frisar que a educação especial é uma construção recente, uma vez que “desde a antiguidade as pessoas com deficiência eram mencionadas como subumanas e eram abandonadas ao extermínio” (VIEIRA e NASCIMENTO, 2014, p. 5). Com base nisso, podemos perceber que durante esse período às pessoas com deficiência eram vistas como seres inferiores e que não podiam viver em sociedade, e para isso tinham suas vidas sacrificadas.

Assim sendo, desde essa época é possível perceber o desrespeito pelas pessoas com deficiência. De acordo com Ferreira (2017), na antiguidade, os deficientes eram vistos como seres incapazes, e com isso não poderiam exercer as diferentes atividades que as pessoas ditas como “normais” realizavam, e por isso eram condenadas à morte. Sendo que, “acreditavam que essas atitudes contribuiriam para o equilíbrio demográfico, pois essa pessoa dependeria economicamente da família” (VIEIRA e NASCIMENTO, 2014, p. 5).

Mais adiante, no período da Idade Média, a situação das pessoas com deficiência ganha novos rumos, e com isso deixam de ser condenadas à morte para viverem em locais isolados das outras pessoas. Assim, essa ideia foi instaurada “devido ao surgimento de milagres resultando na cura de deficiências físicas, auditiva e visual, surgem então por influência dos ideais cristãos os primeiros abrigos de

crianças e adultos que tinha algum tipo de deficiência acentuada” (VIEIRA E NASCIMENTO, 2014, p. 5). Segregar os deficientes em locais afastados de outras pessoas, significa acentuar cada vez mais as práticas de exclusão social. Portanto, essas pessoas precisam de ajuda e instrumentos necessários para promover o seu desenvolvimento e conviverem em sociedade.

Nesse sentido, cabe salientar que:

No decorrer de vários séculos, as pessoas com deficiência foram tratadas como seres anormais, sendo marginalizadas pela sociedade. Dentre as várias proibições impostas à elas, havia também a questão de não poderem frequentar espaços sociais em que se transmitiam o conhecimento (SALOMÃO, JESUS e PALÁCIOS, 2017, p. 3).

Percebe-se um contexto histórico repleto de preconceitos e exclusão das pessoas com deficiência no convívio social. Dessa forma, nascer ou adquirir alguma deficiência no decorrer da vida, significava ser uma pessoa anormal, e que não era digna de conviver com as outras pessoas. Uma história cheia de expressividade e acontecimentos marcados pelo isolamento, preconceitos, discriminação, exclusão, dentre outros aspectos. A partir do século XVI e XVII, novas mudanças começam a acontecer no cenário social,

Nos séculos XVI e XVII, as revoluções burguesas transformam o cenário político, religioso, econômico e científico. A relação humana com a deficiência toma um novo rumo: surgem tratamentos médicos e ações de desenvolvimento por meio de estímulos para as pessoas com deficiência em instituições, que funcionavam como asilos ou escolas especiais, geralmente de caráter assistencial e filantrópico, em que os internos recebiam abrigo, alimentação e instruções básicas para o trabalho, já que representavam mão de obra barata para o processo industrial que se instaurava nesse período (ARANHA, 2005, *apud* FERREIRA, 2017, p. 22).

Durante esse período, é possível perceber novos rumos com relação aos nascidos deficientes na sociedade. Alguns cuidados começam a surgir, através dos tratamentos médicos, possibilitando para os deficientes novas perspectivas de vida, mesmo sendo para trabalhar de mão de obra barata, mas os mesmos recebiam instrução e viviam em abrigos que os ajudavam a se adaptar. Não eram mais obrigados a viverem escondidos e nem em condições sub-humanas.

Nessa perspectiva, conhecer a história da educação especial no Brasil é de suma importância para melhor compreendermos os avanços obtidos no decorrer do tempo, as dificuldades encontradas na inserção de pessoas com deficiência nos

espaços escolares, o seu processo de ensino e aprendizagem, como também perceber como se deu o processo de exclusão dos sujeitos deficientes no contexto social, devido as suas limitações.

Em 1824 a exclusão de pessoas com deficiência ainda se manifesta de maneira muito evidente na sociedade, “(...) menção à educação para todos, mas retirando os direitos políticos dos incapacitados físicos e morais (considerando todos os desvalidos – criminalidade, demências, promiscuidade, deficiências mentais)” (MELLETTI, 2007, *apud* PITTA, 2007/2008, p. 7). Mas uma vez, os deficientes perdem seus direitos sociais, ficando a margem da sociedade, sendo vistos como pessoas sem potencialidade, ou seja, incapazes de exercitar a sua cidadania.

Um marco importante na história da educação especial no Brasil, é a construção do “Hospital Juliano Moreira em Salvador, Bahia, fundado em 1874 é considerado como a primeira instituição para atendimento às pessoas com deficiência mental” (RODRIGUES, 2008, p. 16). Além dos cuidados da medicina no atendimento as pessoas com deficiência, é preciso também garantir o direito a educação, pois a deficiência não impede o aprendizado, mas sim a falta de mecanismos e práticas educacionais com recursos potencializadores, voltadas ao atendimento a esse público.

No início do século XX, outras mudanças começaram a acontecer na educação das crianças com deficiência, a partir do surgimento da escola nova, pois objetivava diminuir o número de pessoas analfabetas, e com isso vinha a contribuir com a diminuição das desigualdades sociais. Além disso, de acordo com Rodrigues (2008) a escola nova teve como um dos seus principais objetivos, agregar a psicologia da educação, para que fosse possível detectar através de testes, crianças que tinha alguma deficiência. Nessa perspectiva, de acordo com Aranha (2005), *apud* Ferreira (2017, p. 22): “essas alterações foram estimuladas, principalmente, pelos avanços científicos, pelos interesses político-administrativo, pelos movimentos sociais Pós Segunda Guerra Mundial e pelas mobilizações em prol dos direitos humanos”.

Mais adiante, a educação para pessoas com deficiência começa a ganhar novos rumos, com isso:

No Brasil o marco da Educação Especial ocorreu no período imperial, em 1854, com D. Pedro II, influenciado pelo ministro do Império Couto Ferraz, admirado com o trabalho de um jovem cego, foi criado então o Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Em 1891, a escola passou a se chamar Instituto

Imperial dos surdos-mudos, que em 1957, foi denominada Instituto Nacional de Educação de Surdos (FERREIRA, 2006, *apud* VIEIRA E NASCIMENTO, 2014, p. 6).

Nesse sentido, começamos a perceber algumas mudanças significativas na educação de pessoas com deficiência no Brasil, tendo D. Pedro II como um dos principais colaboradores nesse processo. Logo, essas duas instituições foram fundamentais, dando início a educação inclusiva, além de ser um espaço voltado para atender todas as pessoas com deficiência. Porém, cabe salientar que esse é apenas o início, de uma longa jornada para a efetivação da educação inclusiva, oportunizando a todos o direito a educação e de qualidade.

Logo após esse período, são criados alguns programas de mestrado com ênfase na educação inclusiva, com isso:

A expressão Educação Especial ganhou notoriedade durante o governo de Médici (1969-1974). No ano de 1978, houve a criação do Programa de Mestrado em Educação Especial da Universidade de São Carlos (UFSCar) e do Curso de Mestrado em Educação, em 1979, na Universidade do Rio de Janeiro (UERJ) (SASSAKI, 2002, *apud* VIEIRA E NASCIMENTO, 2014, p. 7).

Assim sendo, podemos perceber que a partir da década de 70 novos rumos começaram a ser tomados com relação a educação especial. E a criação do mestrado nessa área foi um dos marcos principais para o processo de inclusão das pessoas com deficiência nos espaços sociais. De acordo com Rogalski (2010), a inclusão social só ocorrerá de fato quando e se todos os âmbitos da vida social, como: educação, economia, cultura e saúde, por exemplo, forem integrados.

Além disso, cabe salientar que a Declaração de Salamanca é citada como marco da luta pela educação inclusiva. Para haver inclusão, as crianças incluídas devem receber o apoio necessário, conforme sua idade e, preferencialmente na rede regular de ensino. Nessa perspectiva, é importante frisar que:

Por meio de um resgate da história da Educação Especial percebe-se que é recente a discussão em nossa sociedade, sobretudo em nosso país. Provavelmente em razão da cultura brasileira que não apreende que as diferenças deixarão de existir quando houver as mesmas oportunidades para todos, ou seja, na busca dos seus direitos e um lugar na sociedade (VIEIRA E NASCIMENTO, 2014, p. 7).

Diante disso, fica evidente que as discussões sobre a educação inclusiva é um tema recente, uma vez que durante muito tempo as pessoas com deficiência viviam à

margem da sociedade, tendo todos os seus direitos negados. Mas através das lutas e de alguns marcos legais, muitas coisas mudaram no país, principalmente ao que tange o direito a educação especial para os deficientes. No entanto, as autoras destacam que as diferenças só deixarão de existir quando todas as pessoas, independentemente de suas especificidades, tiverem os seus direitos e igualdade de oportunidade.

2.2 INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O processo de inclusão de crianças autistas nas escolas regulares de ensino demanda diferentes desafios, tanto no que tange à formação docente, como também nas características próprias de cada criança. Nesse sentido, a educação para esse público específico necessita uma maior atenção de todo o corpo docente, aulas com metodologias que englobem incluir todos as mesmas nas atividades desenvolvidas em sala de aula, uma vez que a inclusão não é apenas inserir a criança autista na rede regular de ensino, mas sim desenvolver métodos de adaptação e inserção das mesmas em todos os aspectos referentes à escola.

Nesse sentido:

Quando se fala de educação inclusiva, uma atitude importante é matricular o aluno com deficiência em uma classe da escola regular, mas somente isto não garante uma educação inclusiva. Uma educação inclusiva pressupõe uma escola inclusiva em que todos os alunos, com ou sem deficiência, tenham a mesma oportunidade de acesso, de permanência e de aproveitamento na escola. Em uma escola inclusiva todos os alunos participam de todas as atividades; seu ritmo de aprendizagem é respeitado e são apresentadas respostas e desenvolvidas habilidades e estratégias adequadas às necessidades de cada um (FERREIRA, 2017, p. 44).

Diante dos elementos citados acima, para que seja possível realizar uma verdadeira inclusão de crianças com deficiências nos espaços escolares, é preciso que além da matrícula, todas as crianças tenham o mesmo direito e oportunidades no processo de ensino e aprendizagem, permanência, acesso à educação, haja visto que quando as discussões tecidas em torno do direito à educação de todos e para todos, não deve ser feita distinção entre as crianças, mas sim, atender a todos em todas as suas especificidades, sejam elas crianças com ou sem deficiência.

Dessa maneira, como salienta a autora, uma escola inclusiva é aquela que desenvolve metodologias que englobam todas as crianças, sem deixar de lado algumas, devido as suas limitações. Nesse caso, adaptar as estratégias pedagógicas é um dos elementos essenciais, quando discutimos que almejamos investir em uma educação inclusiva. Além do mais, o respeito ao tempo de aprendizagem e assimilação dos conteúdos também é de grande relevância nesse processo.

As “crianças com autismo necessitam de adaptações que considerem suas condições clínicas, comportamentais, de adaptação social, de linguagem, dentre outras necessidades especiais que venham a ser contempladas” (FERREIRA, 2017, p. 57). A autora destaca alguns elementos importantes para o processo de inclusão de crianças autistas na rede regular de ensino. Por apresentarem dificuldades na interação com o outro, e a escola ser considerada um local para a construção do conhecimento, precisa desenvolver meios para que de fato a inclusão aconteça, levando em consideração, principalmente, as especificidades desse público de crianças, que demanda atenção, compromisso e responsabilidade de todo o corpo docente.

Dessa maneira, Almeida (2017, p. 2), ressalta que:

O direito de acesso à escola, resguardado atualmente pela Política Nacional de Educação a todas as crianças, independentemente de gênero, etnia, classe social e condições de aprendizagem, traduz o reconhecimento da fundamental importância deste espaço na formação de cidadãos, e nos remete ao controverso tema da inserção do indivíduo com necessidades educacionais especiais preferencialmente no ensino regular, como dita a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, bem como as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, editada em 2001.

Com base nisso, podemos perceber que o direito a educação é de todos e para todos, independentemente da sua especificidade, religião, crença, raça, cultura, dentre outros. Incluir as crianças na rede regular de ensino é proporcionar uma formação inicial para esses sujeitos e incluí-las na sociedade, pois é através da educação, que as crianças começam a desenvolver diferentes leituras do mundo a sua volta. E ainda como ressalva o autor, o direito a educação para crianças com deficiência, está respaldada na lei, o que conseqüentemente as escolas precisam estar preparadas para receber e acolher de maneira inclusiva esse público. Mas, para que a inclusão aconteça, faz-se necessário algumas mudanças, tais como “reformulações da gestão escolar, promover implicações na formação dos

professores, impulsionar reflexões sobre adaptação curricular e refletir sobre as políticas públicas vigentes” (COSTA, 2017, p. 39).

Nesse sentido, é importante ressaltar que o processo de escolarização para as crianças com deficiência precisa ser organizado e planejado de modo a oferecer a essas crianças uma educação de qualidade, que englobe as suas especificidades. Dessa maneira, “a inclusão das pessoas com deficiência e que apresentam NEE está relacionada a um processo que necessita bastante atenção” (COSTA, 2017, p. 37). Atender a crianças com deficiência é desafiador e demanda compromisso, atenção e responsabilidade e para isso a escola de uma maneira em geral, precisa estar preparada para receber essas crianças, de modo a promover o seu pleno desenvolvimento.

Nesse ínterim, cabe salientar que:

Alguns acreditam que o aluno com deficiência é mais excluído na escola de ensino regular, por não acompanhar os demais colegas na aprendizagem e por isto deveria ser preservado e freqüentar a escola especial, onde estaria com crianças "iguais" e, assim, não precisaria lidar com este desafio. Outros educadores acreditam que o aluno com necessidades especiais deve freqüentar a escola de ensino regular, justamente pela riqueza que surge através da diversidade. (ROSA, 2008, p. 215, *apud* BERETA E VIANA, 2014, p. 120).

Desse modo, podemos perceber na citação acima que a diversidade no espaço escolar é de fundamental importância para o desenvolvimento dos sujeitos. Conviver com as diferenças refleti-nos a pensar sobre o nosso lugar e o lugar do outro no mundo, uma vez que vivemos em uma sociedade, onde algumas pessoas não conseguem conviver com as diferenças. Dessa forma, começar a educação discutindo e respeitando as especificidades do outro, é pensar em um mundo onde podemos viver e aceitar as diferenças.

Com isso, não significa dizer que as crianças com deficiência incluídas nas redes regulares de ensino, terão o seu desenvolvimento e aprendizagem prejudicados por não estarem em um ambiente com outras crianças com deficiência. Ao contrário, é importante incluir diversas crianças no mesmo espaço, para a troca de experiência, aprender com o outro, dentre outros aspectos. Para tanto, o seu desenvolvimento só será comprometido se lhes forem negados os instrumentos necessários para a sua aprendizagem.

Nos dias atuais com a implementação de leis que asseguram o direito a educação para todas as crianças, as escolas vêm atendendo a um público diverso, e com isso faz-se necessário repensar sobre as suas práticas pedagógicas e as metodologias utilizadas em sala de aula, promovendo um espaço inclusivo e garantindo para todos o direito a escolarização de qualidade. Nesse sentido, cabe salientar que as diversas discussões sobre a educação inclusiva no espaço educacional são de grande relevância, uma vez que se vem buscando abranger uma educação para todos, haja vista que esse direito está respaldado pela legislação.

Para tanto, para uma efetiva inclusão, as escolas precisam estar adaptadas para o atendimento a esse público e também promover o máximo desenvolvimento. Podemos perceber em algumas escolas, mudanças na estrutura física, possibilitando o acesso a todos os espaços, como salas, banheiros, refeitórios, bibliotecas, dentre outros. Mas além do espaço físico, é importante também que o corpo docente esteja preparado para atender a esse público em todas as suas especificidades.

Dessa forma, é importante frisar que:

Mesmo com os avanços, e os sistemas de ensino formulando políticas claras e decisivas em relação à inclusão, buscando aperfeiçoar os recursos da Educação Especial e da Educação em geral para qualificar as escolas de infraestrutura, equipamentos e recursos materiais e didático-pedagógicos, necessários ao bom desenvolvimento das atividades escolares, ainda precisa superar vários problemas no processo de inclusão do aluno deficiente no ensino regular das escolas públicas. (FERREIRA E VICENTI, 2017, p. 8)

Corroborando com a afirmação acima, fica evidente que mesmo com as mudanças necessárias para atender as crianças com deficiência nos espaços escolares, ainda há muito que fazer. Referente a inclusão de crianças autistas na rede regular de ensino, não é somente as mudanças no fazer pedagógico e na estrutura do ambiente escolar que a inclusão vai de fato acontecer, mas faz-se necessário a conscientização do respeito às diferenças entre as crianças e demais funcionários da escola, uma formação continuada para os professores, ou a contratação de profissionais preparados para atenderem de maneira significativa essas crianças no espaço educacional.

Dessa maneira, uma escola que atende a diversidade, sejam crianças com deficiência ou não, é um fator essencial para o ambiente escolar, pois essa inclusão traz à tona o repensar sobre os valores culturais, a valorização e o respeito pelas diferenças. Assim sendo, podemos dizer que incluir a todos, objetivando uma escola

inclusiva, nos remete diferentes reflexões acerca da ajuda ao próximo, mediante as suas dificuldades, conhecer as diferenças para a efetivação do respeito e amor ao próximo, bem como ser solidário.

A escola inclusiva é aquela que a conscientização e o respeito ao próximo são discutidos em sala de aula, aceitando a diferença do outro, percebendo que todos têm o direito a uma educação de qualidade e a permanência no espaço escolar. Por isso, que a inclusão é um processo desafiador para todos, conviver e aceitar as diferenças não é fácil, por isso precisamos de escola que acolha essas crianças e o atendam em suas especificidades, garantindo que sejam respeitados em todos os ambientes da escola.

A despeito disso:

Partindo dos conceitos mais perceptíveis atualmente, entendemos que a inclusão acontece quando nós, profissionais docentes, incluimos crianças autistas ou com outra deficiência, seja física, psicológica ou outras, no ambiente escolar, mais especificamente em sala de aula com crianças ditas “normais”, proporcionando os mesmos direitos de aprender. Com essa inclusão de crianças autistas na escola, podemos dizer que damos a oportunidade a elas de conviverem com crianças da mesma idade que não possuem TEA ou vice-versa, e assim possibilitamos um convívio saudável com outras crianças, tendo em vista a melhoria do relacionamento social e a comunicação entre elas (SAMPAIO E MAGALHÃES, 2017, p. 760).

De acordo com os autores, a verdadeira inclusão acontece quando todos os profissionais da educação, integram as crianças com diferentes especificidades e as crianças sem deficiência no mesmo espaço da sala de aula, adaptando as atividades de modo que todos possam ser envolvidos e participarem ativamente e em conjunto das propostas pedagógicas. O convívio com a diversidade possibilita um relacionamento saudável, onde todos participam e colaboram para que todos possam aprender de maneira compartilhada.

Além disso, colabora também para a interação social, uma vez que as crianças autistas possuem dificuldades na relação social. Então o contato com outras crianças favoreceria para o seu desenvolvimento e no relacionamento com o outro. Nessa perspectiva, é importante destacar que “as crianças com TEA sendo incluídas de forma digna e com igualdade de condições na sociedade possuem mais chances educativas, maior integração e evolução na convivência social” (SAMPAIO e MAGALHÃES, 2017, p. 760).

Diante do exposto, ao matricular crianças com deficiência, o espaço escolar precisa estar preparado para recebê-las. Para isso, são necessárias fazer adaptações na estrutura de toda a escola, ter profissionais e/ou investir em capacitação para atender a esse público. Essas são medidas fundamentais para a educação inclusiva. Deixar as crianças com autismo afastada dos demais colegas e/ou sentada no fundo da sala sozinha, não garante o seu desenvolvimento, mas desencadeará em consequências prejudiciais para as mesmas, comprometendo toda a sua formação pessoal e social. Por isso a importância de mantê-las em contato com outras crianças, pois contribuirá para a sua evolução: afetiva, emocional, comunicação, dentre outros aspectos.

Nesse sentido, o processo de inclusão é aceitar o outro com suas especificidades e, sobretudo conviver e respeitar as diferenças. Além dos mais, não cabe somente a escola a tarefa de incluir crianças com deficiência, mas a inclusão precisa ir para além dos muros da escola, ou seja, a família, amigos, colegas de trabalho, vizinhos, dentre outros, todos precisam ter o compromisso de viver, respeitar, ajudar o próximo independente de suas particularidades, para que possamos pensar em um mundo melhor. Com isso, “reconhecemos que, para a inclusão se concretizar, é necessária uma mobilização em vários âmbitos, como o político, o social e o institucional”. (FERREIRA e VICENTE, 2017, p. 15)

2.3 O PROFESSOR DE APOIO PARA CRIANÇAS AUTISTAS NA REDE REGULAR DE ENSINO: IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA

O espaço educacional é lócus privilegiado no desenvolvimento e formação das crianças, com isso é responsável pelo processo de ensino e aprendizagem de todos os envolvidos, contribuindo para uma significativa formação social e pessoal, dando-lhes subsídios para uma vida em sociedade. Dessa forma, faz-se necessário desenvolver, no ambiente escolar, meios que possibilitem a integração e inserção de todos as crianças no processo educacional, deixando de lado uma visão homogeneizadora, uma vez que cada uma delas traz consigo aspectos diferenciados, e precisa ser respeitado por todo o corpo docente. Além disso, cabe salientar a importância de promover aulas que incluam a todos, sem distinção de suas especificidades.

Ao acolher as crianças com deficiência, a escola não deve apenas focar nas limitações apresentadas pelas mesmas, mas sim, buscar melhorias e adaptações nos recursos didáticos e pedagógicos, e em outros materiais, que auxiliem no desenvolvimento das aulas, de maneira que possibilite a inserção de todos nas atividades escolares, mostrando que são capazes, como também incentivando e elogiando os trabalhos desenvolvidos, para que se sintam seguros e capazes. Assim sendo, “(...) o professor deve ter plena consciência do seu papel fundamental no desenvolvimento desse aluno, e acreditar na sua capacidade” (SILVA e BALBINO, 2015, p. 3).

Com isso, a inclusão de crianças autistas no espaço escolar não deve se limitar apenas no momento da matrícula, mas sim ter profissionais preparados para atender as demandas apresentadas pelas mesmas em suas particularidades e na superação dos diferentes desafios, uma vez que atender crianças com deficiência não é um processo fácil, mas demanda todo um preparo da equipe escolar, adaptação na estrutura do espaço, materiais que auxiliem durante o desenvolvimento das aulas, dentre outros. Nesse sentido, Fernandes e Silva, (2016, p. 2), falam um pouco sobre o atendimento das crianças com TEA, destacando que,

Em nossa prática e vivência diária no contexto escolar, constantemente ouvimos professores do ensino regular alegar que não estão preparados para ensinar alunos com TEA em sala de aula. Essas questões nos levam a inquietudes e preocupações pelo fato de sermos, nós, os professores, aqueles que trabalham diretamente com os alunos. Nesse contexto, faz-se necessário que o professor e a própria escola busquem novos conhecimentos, ampliando seu repertório de práticas educativas capazes de atender as necessidades dos alunos com TEA que estudam no ensino regular. A compreensão do processo de ensino e aprendizagem de alunos com TEA não é função apenas dos professores especialistas em Atendimento Educacional Especializado (AEE), mas sim de todos os profissionais da educação, inclusive dos professores da rede regular de ensino (FERNANDES e SILVA, 2016, p. 2)

Com base nisso, podemos perceber que os autores trazem uma discussão de grande valia para refletirmos sobre a formação docente e a importância da formação continuada, haja visto que o professor pode chegar em sala de aula e encontrar crianças com diferentes especificidades e não saber como lidar e nem o que fazer para ajudá-las. Crianças com TEA necessitam de uma atenção e cuidado em sala de aula, atividades adaptadas e aulas que auxiliem na interação com os demais colegas.

Dessa maneira, todo o corpo docente e os demais profissionais que trabalham no espaço escolar necessitam buscar novas metodologias de ensino que promovam o pleno desenvolvimento de todos os envolvidos em sala de aula. Os autores ainda destacam que a função de educar crianças com TEA não é apenas papel privilegiado de professores especialistas, mas é papel também das redes regulares de ensino, haja vista que quando falamos de inclusão, remete a inserção das crianças com deficiência, junto com as demais crianças ditas “normais”.

Nessa perspectiva:

Para que esses alunos recebam essa devida atenção é necessário que as escolas se apropriem de fato e de direito de uma política educacional que proporcione formações adequadas aos professores como também, a apropriação de um projeto político pedagógico que vise garantir um atendimento respeitando as particularidades de cada aluno de modo que lhes traga um desenvolvimento positivo e um ensino de qualidade (SOUSA, 2015. P. 13).

O processo de inclusão não é fácil, mas para que de fato isso aconteça, as escolas precisam estar preparadas para receber essas crianças, dispendo de estruturas e materiais adaptados para atender as demandas das crianças autistas e profissionais preparados. Com isso, a autora versa sobre a importância de políticas educacionais que viabilizem uma formação adequada para que os professores tenham subsídios para atender de maneira positiva a essas crianças, como também a criação de um Projeto Político Pedagógico (PPP) que contribua para o pleno desenvolvimento de todos os envolvidos, respeitando as especificidades de cada criança.

Nesse sentido, cabe salientar que:

Afinal, educar o aprendente com TEA é constituir uma relação dialógica; que pressupõe um jeito diferente de aprender e um jeito diferente de ensinar, usando novas práticas docentes, estratégias, instrumentos que auxiliem na superação das dificuldades que engessam muitos profissionais, trazendo sérios comprometimentos ao ensino-aprendizagem das pessoas com TEA (SAMPAIO e MAGALHÃES, 2017, p. 764).

Com base no exposto acima, podemos perceber que educar crianças com autismo é estabelecer um diálogo de compromisso e responsabilidade com elas. É compreender que sua forma de aprendizagem se difere das demais crianças, mas que juntos podem construir diversos conhecimentos, que serão imprescindíveis para a

formação desses sujeitos, contribuindo, assim, para um significativo processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, as práticas educacionais e o desenvolvimento de atividades voltadas para esse público são de grande relevância para esse processo, como também para a superação de dificuldades.

A formação continuada para os professores que trabalham na rede regular de ensino, e que atendem a crianças com diferentes especificidades, inclusive crianças autistas, possibilitaria novas ações pedagógicas, ampliação do repertório de conhecimentos, contribuindo de maneira significativa na formação escolar das mesmas. Dessa maneira, podemos dizer que a formação continuada é de suma importância para todos os profissionais da educação que trabalham na rede regular de ensino e que buscam promover um processo de ensino e aprendizagem produtivo para todas as crianças, sem fazer distinção às particularidades de cada uma.

Tendo em vista a relevância da formação continuada, Carvalho (2014, p. 61) diz que,

É importante ressaltar que mesmo após a implantação da Política de Inclusão, a maioria dos professores ainda tem encontrado dificuldade para suprir as especificidades educacionais de seus alunos com Necessidades Educacionais Especiais, pois em grande parte, sua Formação Inicial não corroborou para a construção de concepções a respeito das particularidades de cada deficiência encontradas na sala de aula de aula comum (CARVALHO, 2014, p. 61)

Nesse sentido, a autora mostra a importância da formação continuada, no atendimento de crianças com deficiência. Além disso, salienta que mesmo com a implantação da política de inclusão, os professores ainda sentem dificuldades de trabalhar com esse público, pois cada criança possui uma particularidade, tempos diferenciados de aprendizagem, maneiras próprias de aprender, e tudo isso demanda experiência, paciência, conhecimento amplo de cada deficiência apresentada por cada criança, conhecer a cada uma delas, e a participação da família também é um ponto crucial nesse processo.

Educar crianças com deficiência e suprir as suas necessidades demanda conhecimento com bases teóricas sólidas para promover a inclusão em sala de aula e oferecer um ensino capaz de formar o alunado de maneira significativa. Logo,

O professor terá a incumbência de estar inovando suas práticas, tendo sempre flexibilidade e compreensão em sala de aula, estando consciente de que o processo que se constitui em educar uma criança com TEA é complexo,

mas é possível desde que ele trabalhe de forma organizada, também é importante que os alunos com TEA tenham uma rotina no cotidiano escolar, a sala deve ser adaptada de uma forma que contribua diretamente para a aquisição do aprendizado destes (SILVA e BALBINO, 2015, p.2).

Desenvolver práticas educativas adaptadas e inovadoras para trabalhar com as crianças autistas é um dos principais elementos para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem. Com isso, os autores ressaltam que educar esse público, não é uma tarefa fácil, mas sim complexa, que demanda compromisso, organização das atividades, rotina e a criação um espaço adaptado em sala de aula que contribua plenamente para a aprendizagem dessas crianças.

Assim, Barbosa *et all* (2013, p. 19781), dizem que “(...) a escola que antes excluía e rejeitava crianças com deficiência, agora se vê desafiada a prover um ensino de qualidade, criando metas para enfrentar e superar as dificuldades encontradas”. No decorrer do tempo, percebem-se as grandes mudanças educacionais para as pessoas com deficiência, e mesmo sendo um processo desafiador é preciso incluir a todas as crianças, garantindo o seu pleno desenvolvimento.

Nesse sentido, é importante ressaltar que “(...) enfrentar esse desafio é condição essencial para atender à expectativa de democratização da educação em nosso país e às aspirações de quantos almejam o seu desenvolvimento e progresso” (OLIVEIRA, 2002, p. 21). Com base nisso, podemos entender que superar os desafios de uma escola inclusiva é garantir que todos tenham a mesma oportunidade de educação. Além do mais incluir crianças com deficiência nos espaços escolares é romper com estereótipos de uma visão segregadora que foi constituída ao longo dos anos, e com isso muitos tiveram seus direitos à escolarização negados, devido as suas limitações. Dessa maneira, pensar na educação inclusiva e efetivá-la é mostrar que todos podem aprender e desenvolver-se, mesmo com as suas especificidades.

3. METODOLOGIA: TRILHANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada na rede municipal de ensino na cidade de Amargosa/ Ba, localizada na mesorregião do Centro-Sul Baiano, com a direção escolar e três professoras de apoio de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), cada uma das entrevistadas acompanha apenas uma criança autista na sala de aula regular, sendo que uma das professoras de apoio, possui graduação em Pedagogia pela UFRB e Pós-Graduação em Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Pós-Enso (estruturado para o autista). Enquanto que as demais, cursam Pedagogia, pela (UFRB), campus Centro de Formação de Professores (CFP), Amargosa/Ba. Duas das professoras de apoio entrevistadas têm desenvolvido atividades de pesquisa e extensão nessa área, favorecendo mudanças de práticas para a inclusão das crianças com TEA.

Para a construção dos dados desta pesquisa, o instrumento selecionado foi a entrevista semiestruturada, aplicado a direção escolar e com três professoras de apoio. Esse instrumento constou de perguntas predefinidas, complementadas por outras questões que surgiram no decorrer do diálogo entre as entrevistadas e a pesquisadora. As entrevistas foram realizadas conforme a disponibilidade das próprias entrevistadas, ora na casa da participante, ora na UFRB e ainda na escola que trabalhava, desde que com o consentimento da direção da instituição.

Após a coleta, os dados foram analisados e construídas categorias para melhor avaliá-los, pois de acordo com Franco (2007, p. 59): “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos”. Assim, foram apresentadas as respostas das professoras agrupadas em categorias análogas e analisadas, de acordo com as ideias dos referenciais teóricos utilizados.

3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA DE PESQUISA E A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O processo de construção das pesquisas científicas, tem sido um elemento de grande relevância no decorrer dos anos para a sociedade em geral, contribuindo para o progresso dos conhecimentos, saberes acumulados historicamente, como também

permite avançar em novas descobertas que são de grande valia nos mais diferentes aspectos da história da humanidade. Assim sendo, podemos dizer que a metodologia utilizada durante toda a investigação de uma pesquisa científica, é uma fonte imprescindível para que os resultados possam ser alcançados, de modo a fornecer elementos essenciais para uma melhor compreensão do objeto estudado. Além disso, cabe salientar que a metodologia auxilia na organização, sistematização, definição das ideias para que todos os objetivos possam ser direcionados em todo o procedimento.

Nessa perspectiva, durante o desenvolvimento do presente estudo, algumas etapas importantes foram seguidas, contribuindo para uma melhor compreensão e sistematização do tema trabalhado. Dessa forma, os trabalhos científicos são de suma importância para o contexto social, profissional e principalmente o acadêmico, pois ao discutir formação docente e suas implicações para o contexto educacional, devemos levar em consideração as diversas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem das crianças, o desenvolvimento de pesquisas que são extremamente importantes no contexto acadêmico.

Logo, a presente monografia está ancorada na metodologia qualitativa de pesquisa, a qual busca compreender os diferentes fenômenos sociais, buscando uma melhor compreensão das múltiplas realidades, uma vez que a abordagem qualitativa “implica uma partilha densa de pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis e uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221). De acordo com o autor, percebe-se a importância da pesquisa qualitativa no âmbito social e a sua grande contribuição na realização das pesquisas científicas. Um outro ponto destacado pelo autor sobre esse método é a troca de experiência entre as pessoas, os fatos e os locais, tal partilha implica profundamente para uma melhor compreensão da complexidade envolvidos no meio social.

De acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 32), a abordagem qualitativa de pesquisa, “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Com base nisso, fica evidente que a pesquisa qualitativa busca compreender os aspectos relacionados aos fenômenos sociais, dando enfoque a totalidade da realidade social. Dessa forma, procura desvendar os diferentes problemas sociais,

com base nos estudos e na coleta de dados. As pesquisas qualitativas incitam os entrevistados a refletirem livremente sobre um determinado tema, objeto ou conceito. Bogdan e Biklen (1982 apud ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p.11) apresentam afirmações que explicam a pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento. [...] a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o objeto com o ambiente e a situação que está sendo investigada [...].

Nesse sentido, podemos perceber que a pesquisa qualitativa, possibilita ao pesquisador uma maior aproximação com o seu objeto de estudo. Assim sendo, fica evidente a grande contribuição e a importância da pesquisa qualitativa, pois leva em consideração todo o contexto e a realidade em sua totalidade, objetivando compreender todos os aspectos dos fatos observados, e isso demonstra os grandes benefícios que esse método de pesquisa possui.

Com isso, é importante frisar que a escolha pela abordagem qualitativa está relacionada pela sua configuração, visto que leva em consideração todos os fenômenos sociais em sua essência, possibilitando uma melhor compreensão do objeto estudado de uma maneira mais contextualizada. Ao utilizar esse método, foi possível perceber um avanço durante a pesquisa e os grandes resultados alcançados, com isso, pode-se dizer que a pesquisa qualitativa foi de grande relevância durante todo o processo e construção da presente monografia, tendo em vista que “o trabalho de investigação qualitativa é entender globalmente as categorias que mobilizam os atores para compreender a realidade e para atuar sobre a realidade” (ZANTEN, 2004, p. 31).

Dessa forma, por ter optado por uma abordagem qualitativa para realização desta pesquisa, foi feita uma sondagem das escolas que possuem crianças com o Transtorno do Espectro Autista, acompanhados por professores de apoio e matriculados na rede municipal de ensino da cidade Amargosa- BA, com o intuito de analisar o papel deste profissional como mediador na aprendizagem dessas crianças.

Esta pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Amargosa – BA, os sujeitos desta pesquisa são três professoras de apoio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que atuam com crianças autistas e a direção da escola. Tal escolha pela rede municipal de ensino, justifica-se pelo fato de atender

a crianças com o Transtorno. Ressalta-se também que o campo pesquisado conta com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que se consolida num apoio para a inclusão de crianças com TEA na escola regular. Tal atendimento é realizado no turno oposto, como atividade complementar à sala de aula regular.

É válido registrar que esse tipo de atendimento acontece numa sala multifuncional, dotado de recursos pedagógicos e lúdicos que colaboram para a interação social e comunicação dessas crianças com TEA, seus professores e seus pares em sala comum. Assim sendo, mediante a escolha pela pesquisa qualitativa como método investigativo da presente monografia, faz-se necessário apresentar o instrumento de coleta de dados selecionado para melhor desenvolver esta pesquisa, com isso, optou-se pela entrevista, a qual segundo Manzini (1990, p. 154):

A entrevista está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Tal método é importante para se obter informações relacionadas à temática em estudo com respaldo, dos entrevistados em questão, com perguntas abertas e mais direcionadas para obtenção de dados sobre a temática.

Assim sendo, fica evidente que a entrevista é um instrumento de coleta de dados, muito importante nas pesquisas qualitativas, pois possibilitará ao pesquisador compreender e solucionar os problemas do seu objeto de estudo, uma vez que a entrevista é um diálogo estabelecido entre o entrevistador e o entrevistado seguindo um roteiro pré-estruturado. Por assim dizer, cabe frisar que a entrevista constitui-se como “um encontro entre duas pessoas, afim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (MARCONI E LAKATOS, 2007, p. 197).

Com base nisso, fica evidente que a entrevista como um instrumento de coleta de dados é um elemento crucial na obtenção de informações valiosas e riquíssimas. Além disso, por se tratar de um instrumento que envolve diálogos entre diferentes pessoas, novas ideias e informações podem surgir durante a entrevista, gerando novas questões importante e norteadoras para um aprofundamento do tema pesquisado. Nesse sentido,

A versatilidade e o valor da aplicação desta técnica tornam-se evidentes por ser aplicada em muitas disciplinas sociais científicas e também na pesquisa social comercial. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos

utilizam desta técnica não só para coletar dados, mas também para diagnósticos e orientação. Pela flexibilidade que a entrevista possui, muitos autores defendem que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais, nas últimas décadas, se deve à sua aplicação (BRITO JÚNIOR e FERES JÚNIOR, 2011, p. 241).

De acordo com os autores, a entrevista constitui-se um elemento fundamental, para as diferentes áreas do conhecimento, contribuindo principalmente para o avanço das ciências sociais, pois vem possibilitando um amplo e vasto meio de coleta de dados, colaborando na obtenção de diversas informações, importantes para o âmbito social. Diante da importância da entrevista na realização e construção de pesquisas, cabe ressaltar o tipo de entrevista optado pela pesquisadora. Dessa forma, foi utilizada a entrevista semiestruturada, a qual segundo Silveira e Córdova (2009, p. 72):

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramento do tema principal (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009, p. 72).

De acordo com a citação acima, na entrevista semiestruturada o pesquisador desenvolverá um roteiro de perguntas, de acordo com o tema, o problema e os objetivos da pesquisa, buscando compreender todos os aspectos relacionados a sua pesquisa. Além disso, durante a entrevista o pesquisador pode fazer novas perguntas, como também tirar dúvidas, uma vez que esse tipo de pesquisa, o pesquisador e o entrevistado estarão dialogando, de acordo com o envolvimento e a dialogicidade entre ambos.

3.2 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo durante todo o levantamento da pesquisa, foi de grande relevância na obtenção dos dados, sendo assim, um importante elemento de coleta de dados. De um modo geral, a pesquisa de campo proporciona ao pesquisador uma aproximação direta com o seu objeto de estudo, possibilitando uma reflexão entre os dados analisados e o levantamento teórico, fazendo uma interlocução entre as duas fontes de dados, de uma maneira associada. Nesse sentido, Gonsalves (2001, p. 67) ressalta a pesquisa de campo como um:

Tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (GONSALVES, 2001 p. 67).

De acordo com as palavras da autora, percebe-se que o local da pesquisa é um dos principais elementos na compreensão do objeto pesquisado. Dessa forma, podemos compreender que a pesquisa de campo constitui-se como ponto norteador na coleta de informações de grande relevância para o pesquisador, pois ao estar em contato com o fenômeno pesquisado, muitos são os conhecimentos obtidos que favoreceram de maneira significativa na construção da pesquisa. Logo, é importante frisar que ao escolher a pesquisa de campo para o desenvolvimento da presente monografia, foi possível perceber durante o contato direto com o objeto de pesquisa valiosas informações sobre o tema em questão.

Além disso, cabe salientar que a pesquisa de campo:

É aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (...) Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los (LAKATOS, 2003, p. 186).

Com base nisso, a autora chama a atenção de que a pesquisa de campo na coleta de dados torna-se crucial para uma melhor compreensão do objeto a ser estudado. Dessa forma, essa técnica permite uma aproximação do pesquisador e o campo de pesquisa, conhece melhor os fatos investigados, tem um contato direto com as pessoas envolvidas e o local da investigação, dentre outros aspectos que são de suma importância para o desenvolvimento e confiabilidade dos dados empíricos. Além disso, trata-se de uma técnica que tem “uma importância fundamental no estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade” (OLIVEIRA, *et all*, 2016, p. 4).

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Escolher os participantes da pesquisa é um momento essencial na compreensão do objeto de estudo, e com isso é imprescindível delimitar pessoas que possuem um vínculo direto com a realidade a ser pesquisada. A direção escolar e as três professoras que foram selecionadas já trabalham com crianças autistas na rede regular de ensino, contribuindo para uma efetiva e significativa formação pessoal e social desse público. Nessa perspectiva, é importante frisar que as professoras de apoio que fizeram parte da pesquisa contribuíram bastante na compreensão do tema e nos objetivos propostos. E a partir dos diálogos e comentários tecidos durante a entrevista foi possível trilhar caminhos para encontrar as respostas para os objetivos apresentados no presente trabalho.

Nesse sentido, a entrevista foi realizada com a direção escolar e três professoras de uma escola do Município de Amargosa/Ba. Durante a entrevista foram tecidos diversos diálogos pertinentes para a compreensão do tema, principalmente ao que tange à realidade educacional nos dias atuais em nossa sociedade. Assim sendo, as informações obtidas pelas professoras de apoio foram de suma importância para percebermos com mais detalhe como vem sendo realizada a inclusão de crianças na rede regular de ensino, e como é de grande relevância a participação desses profissionais no processo de ensino e aprendizagem, auxiliando o professor regente em sala de aula, em todo o desenvolvimento e decurso das aulas.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

Após a entrevista realizada com a direção escolar e com as três professoras de apoio, os dados coletados foram analisados através do método da análise do conteúdo, por se tratar de uma técnica que possibilita fazer diferentes análises sistemáticas e comparações no momento da entrevista. Assim sendo, podemos dizer que a análise do conteúdo “passa invariavelmente pela criatividade e pela capacidade do pesquisador qualitativo em lidar com situações que, muitas vezes, não podem ser alcançadas de outra forma” (CAMPOS, 2004, p. 614). Com base nisso, podemos dizer que essa técnica é utilizada nas pesquisas científicas para obter dados pertinentes na compreensão do objeto de estudo. Assim sendo, a técnica de análise de conteúdo foi

utilizada de modo a obter dados sobre a concepção da professora de apoio como mediadora na aprendizagem da criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), inserido na escola regular de ensino.

Esse método utilizado nas pesquisas, busca fontes teóricas e práticas na compreensão do objeto a ser estudado. E por constituir-se como um método de investigação, a análise do conteúdo, compreende procedimentos essenciais e fundamentais para uma melhor sistematização dos dados científicos. Portanto, caracteriza-se por ser um instrumento e um guia prático para a ação sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se pretende investigar, com isso é “compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento” (CAMPOS, 2004, p. 611).

De acordo com Mozzato e Grzybovski (2011, p. 732) “a importância da análise de conteúdo para os estudos organizacionais é cada vez mais maior e tem evoluído em virtude da preocupação com o rigor científico e a profundidade das pesquisas”. Com base nisso, compreende-se que essa análise possibilita uma melhor compreensão acerca dos dados coletados em sua essência, principalmente no campo das pesquisas qualitativas. Além do mais é um método que preocupa-se com o rigor científico, e por isso há a necessidade de inseri-lo durante as investigações das pesquisas científicas.

Portanto, é importante frisar que a abordagem de pesquisa utilizada no desenvolvimento da presente monografia e os instrumentos de coleta de dados foram de grande relevância para uma melhor compreensão e fundamentação do tema dialogado em todo o decurso do trabalho. Dessa forma, após a obtenção dos dados obtidos durante a entrevista e o estudo teórico aprofundado, seguiu-se com as análises e interpretações das informações coletadas durante o processo de pesquisa, que foram fundamentais para uma melhor sistematização do objeto estudado.

Nesse sentido, podemos dizer, que a fundamentação teórica é um detalhamento mais aprofundado dos dados coletados são de suma importância para o desenvolvimento e para uma melhor compreensão dos diferentes elementos que envolvem a pesquisa. Assim sendo, o presente trabalho utilizou-se da análise do conteúdo, pois é um método de grande influência para melhor entendermos todos os aspectos que envolvem o objeto de estudo, principalmente ao que tange as pesquisas de cunho qualitativo. De acordo com Mozzato e Grzyboxski (2011, p. 734): “a análise

de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que tem como objetivo ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados”. Com base nisso, podemos perceber a importância da análise do conteúdo nas pesquisas qualitativas, contribuindo de maneira significativa para a realização e desenvolvimento de diferentes estudos.

Além disso, cabe ressaltar que para a aplicação das entrevistas semiestruturadas foi utilizado como dispositivo de coleta de dados um gravador, e em seguida, foram transcritas as falas das professoras de apoio, participantes do presente estudo. Dessa maneira, é importante frisar que o gravador é um dispositivo importantíssimo na realização das pesquisas, uma vez que permite manter a escrita de forma fiel ao que foi falado durante a entrevista. Antes de utilizar esse instrumento na coleta de informações, as professoras de apoio deram total consentimento para que fosse realizada. No que se refere à participação das professoras de apoio no desenvolvimento das entrevistas é importante destacar que para preservar a identidade das participantes do presente estudo, serão utilizadas letras do alfabeto para um melhor detalhamento e aprofundamento da presente pesquisa.

4. O PROCESSO DE INCLUSÃO E APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS AUTISTAS NA REDE REGULAR DE ENSINO: IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE APOIO

O Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se por abranger diferentes sintomas, como “dificuldade de interação ambiental, que acarreta obstáculos ao desenvolvimento da autonomia e, conseqüentemente, oferece prejuízo na qualidade de vida” (PAPIM e SANCHES, 2013, p. 18). Assim, as crianças com TEA apresentam dificuldades na interação social, ocasionando prejuízos em seu desenvolvimento, com isso acabam se afastando das outras pessoas, preferem ficar isoladas, sem socializar-se com outros sujeitos. Dessa maneira, o grau de desenvolvimento das crianças com TEA diferencia-se do padrão típico de outros sujeitos, ou seja, não apresentam a mesma capacidade e interesse de socialização e integração social.

Quando as crianças com TEA são matriculadas na rede regular de ensino, percebe-se que existem muitas barreiras para serem superadas, seja na estrutura do espaço escolar, salas adaptadas para incluir as demandas das crianças, salas multifuncionais, formação docente, dentre outros aspectos. E o professor cumpre um papel essencial nesse processo, e com isso “(...) tem a obrigação de educá-la, em um ambiente onde já esteja estabelecida uma metodologia de ensino específica, criada para um padrão de aluno” (PAPIM e SANCHES, 2013, p. 11). Incluir não é apenas matricular a criança na rede regular de ensino, mas sim adaptar as metodologias de ensino para que as mesmas tenham um pleno desenvolvimento, “(...) e desenvolvendo como consequência a superação de suas dificuldades pessoais” (PAULINO, 2015, p. 14).

Diante disso, para melhor compreendermos o tema pesquisado, é relevante fazer um levantamento sobre as questões pertinentes que envolvem o autismo e a inclusão escolar, mostrando a importância da formação docente e do profissional de apoio para o atendimento das crianças autistas na rede regular de ensino, principalmente no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, haja visto que todas as crianças com deficiência ou não devem ser incluídas em todos os espaços da escola e nas atividades realizadas pelo professor em sala de aula.

4.1 CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR DE APOIO PARA AS CRIANÇAS AUTISTAS

A presença dos professores de apoio nas escolas de rede regular de ensino, são cruciais no atendimento às crianças com deficiência, como também um elemento fundamental para a educação inclusiva. Assim, de acordo com a lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, no seu Artigo 3º, o qual, estabelece no parágrafo único que: “Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado”.

Dessa maneira, as crianças que são diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), tem o direito de ter um professor de apoio para lhe ajudar nas atividades que devem ser realizadas, na comunicação verbal e não verbal, assuntos discutidos em sala de aula, interação com os demais colegas, no desenvolvimento de habilidades e competências, atividades lúdicas, dentre outros aspectos. Sabemos que as crianças autistas possuem um grau de dificuldades na interação social, reproduz movimentos ou falas repetidamente, diferentes comportamentos, os quais necessitam de um profissional capacitado para atender as suas especificidades.

Nesse sentido, o professor de apoio das crianças autistas torna-se responsável por elas no espaço escolar, contribuindo no desenvolvimento da comunicação e interação com os demais envolvidos nesse contexto (professores, crianças, coordenadores, diretor, dentre outros), além de estar junto com as crianças autistas a todo momento, não deixando-as sozinhas, uma vez que o professor de apoio está ali, para auxiliar e contribuir para o pleno desenvolvimento desses sujeitos.

É importante salientar também que as crianças autistas precisam sentir-se independentes e ter autonomia durante as aulas e na realização das atividades, desde que o mediador esteja atento, caso precise de ajuda e de uma intervenção imediata, buscando promover o processo de ensino e aprendizagem. Assim, faz-se necessário que “(...) neste processo de ensino/aprendizagem para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nós percebemos nitidamente a importância de um mediador escolar para realizar uma interseção entre a professora regente e o mediado” (SILVA, LIMA e ARANTES, 2018, p. 1). Com base nisso, percebe-se que o professor de apoio para as crianças autistas na rede regular de ensino é de suma importância na mediação da aprendizagem e para ajudar o professor (regente) nesse processo.

Assim sendo, analisando as respostas das professoras de apoio que foram entrevistadas, foi possível perceber questões relevantes para melhor compreender o papel desse profissional e as suas contribuições para o desenvolvimento das crianças autistas:

Olha, seria dar um suporte ao professor regente, juntos fazerem as adaptações das atividades. É o professor de apoio que leva a criança ao banheiro. Caso a criança não se alimente só, dar o lanche, né, porque é complicado para o professor regente fazer isso, já que tem o restante da turma, né ... pra dar conta também. E assim eu acho que iria interromper muitas aulas para o professor estar saindo pra fazer isso. No meu caso mesmo, o aluno é... vai constantemente no banheiro, corre constantemente porque ele é hiperativo, ele não fica o tempo todo dentro da sala de aula, então meu papel é tá ali com ele, né. E... ajudando a fazer as atividades, ajudando ele a fazer...mas assim, a gente sabe que o professor é o regente, a gente tá ali para ajudar, para dar um suporte aquele professor, né, em relação aquele aluno especial. Mas o que acontece a gente sabe que não é bem assim, né, o professor, muitos, não é todos, mas muitos, a maioria, acha que o aluno especial é do professor de apoio. Muitos nem sequer adaptam uma atividade, deixa tudo para o professor de apoio mesmo, né, quando vai falar quantos alunos têm na sala: “eu tenho 24 alunos, mas também tem um especial na sala, não inclui, eu tenho 25 alunos. Então assim, eu acho que o professor de apoio, o professor regente, deixa muito a desejar em relação a isso. Eu acho que seria ou teria que ser um trabalho em conjunto do professor regente com o professor de apoio dando suporte, mas nem sempre é isso que acontece (Professora de apoio A, 2018, entrevista).

A fala da professora de apoio nos traz diferentes reflexões acerca do papel desse profissional em sala de aula para as crianças autistas. Primeiramente, vem ressaltando a importância da realização da adaptação das atividades para as crianças com autismo. O trabalho mútuo entre ambas as partes torna-se imprescindível para almejarem o pleno desenvolvimento desse público. Além disso, é o professor de apoio que ajuda as crianças autistas, caso precisem ir ao banheiro, comer alguma coisa, caso necessite do acompanhamento, uma vez que há “um aluno por professor de apoio” (Direção escolar, 2018, entrevista).

Um outro ponto relevante citado acima é a responsabilidade do professor (regente) com relação a criança autista. Ter o professor mediador em sala de aula, não significa dizer que o docente não precisa está presente na vida dessa criança nesse contexto, haja vista que ambas as profissionais precisam juntamente desenvolver um plano para incluí-las nas atividades, como também perceber no dia a dia como vem sendo o desenvolvimento das mesmas, e se os objetivos estão sendo alcançados.

Nesse sentido:

O mediador é mais um profissional, além do professor, que deve proporcionar o melhor desenvolvimento para a criança, de acordo com as suas especificidades. Para que possa exercer um bom trabalho, é fundamental que o mediador atue em parceria com a escola, e vice-versa. Para a inclusão e aquisição de conteúdos do mediado, é preciso que a escola forneça ao mediador acesso ao projeto pedagógico, planejamento e demais documentos sobre os conteúdos que serão trabalhados pelo professor. As dificuldades do mediador quando a escola não permite o acesso são perceptíveis, pois o mediador se depara com o conteúdo no mesmo momento que o mediado, e nas ocasiões que a criança não compreende, se faz necessário que posteriormente o mediador retorne ao assunto com a adaptação necessária. É preciso que o mediador esteja sempre próximo da criança, participando desde os momentos que envolvam os conteúdos até nas brincadeiras. O mediador deve atuar incentivando a comunicação e interação social da criança, de forma em que ele passe a ter iniciativa nas interações e consiga manter um diálogo com os colegas. Conforme a criança com TEA utiliza o braço do mediador para chegar até o seu objeto de interesse ou demonstra uma de suas necessidades, como fome ou sede, faz-se necessário que o mediador a ensine um método para pedir, seja verbalmente ou com a utilização de imagens, com o objetivo de que a criança aprenda como solicitar ou comunicar algo e minimize a utilização do adulto como ferramenta (VASCONCELLOS E DUTRA, 2018, p. 5).

Com base nisso, percebe-se a relevância do trabalho compartilhado entre o professor regente da sala de aula e o professor de apoio das crianças autistas. Não basta apenas esse profissional estar em sala de aula para ajudar as crianças autistas, mas é necessário como afirmam as autoras, que esse profissional tenha acesso e participem ativamente do planejamento escolar, para que busquem mais conhecimentos sobre os assuntos que serão trabalhados para que possa contribuir significativamente no processo de ensino e aprendizagem dessas crianças.

Além disso, compartilhar informações com o docente, possibilita desenvolver metodologias que englobe a inclusão desse público nas atividades com os demais colegas, abrangendo o diálogo e a comunicação entre todos os envolvidos nesse contexto. O mediador precisa estar sempre junto com as crianças autistas, seja nas atividades, no momento de recreação e brincadeiras realizadas em sala de aula, como também nas diversas necessidades que surgem no dia a dia como ir ao banheiro, na alimentação e/ou beber água.

Nessa perspectiva, foi possível perceber uma semelhança na entrevista da professora de apoio C, a qual diz que:

Eu sei que é assim... que meu papel quanto professora da sala, né, a regente, propõe os conteúdos, mediar de uma forma que o aluno possa compreender, estar próximo dele pra que ele possa participar de tudo aquilo que é proposto na sala de aula, mas infelizmente os professores da sala de aula regular não pensa no aluno com TEA, nem o aluno especial. O aluno fica é... como responsabilidade do professor de apoio, que tem que pensar nas suas

atividades, estratégias, tem que elaborar as atividades para esse aluno e muitas vezes não tem nem o contato com a professora da aula regular. É como se o aluno estivesse e ele tivesse a professora própria dele, que é a professora de apoio e a outra não tem responsabilidade nenhuma, a professora regente não tem responsabilidade nenhuma (Professora de apoio C, 2018, entrevista).

Para a professora de apoio C, o papel do professor mediador é contribuir para que as crianças autistas compreendam os assuntos trabalhados em sala de aula, como também possibilitar a inclusão desse público em todas as atividades que são propostas nesse contexto. Além disso, destaca a seu ponto de vista que os professores da rede regular de ensino, não se responsabilizam por essas crianças, deixando tudo a cargo do mediador, seja na realização das atividades adaptadas e no desenvolvimento de estratégias que permitam o crescimento escolar desses sujeitos. Assim sendo, as crianças autistas passam a ter um contato maior com o mediador, do que com o docente que é peça fundamental no processo de ensino e aprendizagem das crianças, independentemente de suas especificidades.

É papel do professor (regente) contribuir no pleno desenvolvimento desse público, mesmo tendo o professor de apoio. No entanto Silva, Lima e Arantes, (2018, p. 3), destacam que:

Os professores, ora não habilitados, ora despreparados, ora sem estímulo, ora não determinados para conviver com as diferenças, se deparam com os desafios estabelecidos pela dificuldade comportamental e distúrbio de aprendizagem. Por conta disso, a opção escolhida por muitas escolas foi colocar um profissional acompanhando esse aluno com necessidade especial. É neste contexto que surge a mediação escolar e consequentemente discussões sobre o papel do mediador escolar (SILVA, LIMA E ARANTES, 2018, p. 3)

Dessa maneira, os autores destacam alguns aspectos vivenciados por alguns docentes ao se depararem com os desafios da realidade educacional, seja o medo, formação profissional fragilizada, incertezas, frustrações, que acabam dificultando o trabalho docente. Sabemos da importância da formação acadêmica para os futuros profissionais da educação e uma base teórica sólida para realização do planejamento das atividades, principalmente nas propostas pedagógicas para as crianças com deficiência.

Diante disso, os autores destacam a importância do professor mediador no contexto educacional, para suprir as necessidades apresentadas pelas crianças e

para auxiliar o professor em todos os aspectos referentes a aprendizagem dos mesmos. Assim sendo, a professora de Apoio B, ressalva que:

O meu papel como professora de apoio é de mediar as atividades pra meu aluno autista, por exemplo, as atividades que ela não conseguia associar de forma nenhuma, eu trazia, é... outras atividades, mais com o mesmo conteúdo, é importante lembrar, né... que eu não vou pegar uma atividade aleatória e dar pra meu aluno porque ele não tava conseguindo naquele momento, eu vou fazer com o mesmo conteúdo, que foi o que eu fazia, com o mesmo conteúdo do currículo da escola, da aula, e adaptava de uma forma que ele conseguisse responder, por exemplo, se o conteúdo de história, que era o que a minha aluna tinha mais dificuldade, eram muito textos, então ela não conseguia associar muito, aí eu pegava o contexto histórico daquela atividade que o professor da sala tinha passado e passava em imagens com respostas objetivas, onde ela teria que associar as imagens ao contexto que o professor tava dando as respostas objetivas (professora de apoio B, 2018, entrevista).

Portanto, fica evidente o quão é crucial o professor de apoio em sala de aula. Na fala acima, percebemos que a mediadora busca atividades, relacionadas com o mesmo conteúdo passado pela docente, para ajudar a criança autista em seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, procura adaptar os assuntos passados pela professora, através de atividades com diferentes imagens, pequenos textos, para que a criança autista consiga compreender de maneira proveitosa e significativa para o seu processo de ensino e aprendizagem. Além disso, as atividades adaptadas precisam conter diferentes elementos de linguagens textuais que prendam a atenção das mesmas, uma vez que crianças autistas se distraem com grande facilidade, seja com barulho, muita conversa paralela, dentre outros aspectos, e o professor mediador precisa estar atento a essas situações.

Nesse sentido, podemos perceber que as falas das professoras de apoio A, B, e C foram fundamentais para melhor compreendermos o papel desse profissional em sala de aula e as diversas funções exercidas no contexto educacional para ajudar as crianças autistas. Porém, o professor de apoio não é o único responsável em adaptar as atividades para as crianças autistas, mas deve contar com a participação do docente, para melhor (re) pensar em propostas e metodologias capazes de oferecer a esses sujeitos o seu pleno desenvolvimento educacional, pessoal e social.

4.2 A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS AUTISTAS EM SALA DE AULA NA REDE REGULAR DE ENSINO

Incluir crianças com deficiência nas escolas é um procedimento que demanda adaptação no espaço escolar, profissionais preparados para o atendimento a esse público, metodologias que possibilitem o desenvolvimento desses sujeitos. Assim, a inclusão de crianças autistas na rede regular de ensino é um processo desafiador para todos os envolvidos, uma vez que as crianças autistas “necessitam de adaptações que considerem suas condições clínicas, comportamentais, de adaptação social, de linguagem, dentre outras necessidades especiais que venham a ser contempladas” (FERREIRA, 2017, p. 57). Dessa forma, podemos compreender que inclusão não é apenas receber crianças autistas nos espaços educacionais, mas sim adaptar o espaço, as metodologias, os recursos que são utilizados em sala de aula, favorecendo o seu desenvolvimento e também atendendo as suas especificidades.

Nos dias atuais, podemos perceber nas rotinas escolares a efetivação da educação inclusiva, quando encontramos professores de apoio e demais profissionais preparados para o atendimento das crianças com deficiência, além de ser um direito respaldado pela legislação. Cabe ainda salientar que, “a inclusão de uma criança com autismo em uma escola regular é importante para o desenvolvimento das duas potencialidades, principalmente em razão da oportunidade de socialização” (FERREIRA, 2017, p. 58).

Corroborando com a afirmação acima, podemos perceber que quando as crianças com deficiência são inseridas na rede regular de ensino, possibilita um avanço em seu desenvolvimento, uma vez que durante a interação com as demais crianças, são direcionados momentos de socialização, troca de experiências, respeito, dentre outros aspectos. Com isso, “é preciso não restringir seu ensino somente às instituições especializadas a este fim e sim escolas de ensino regular comum” (FERREIRA, 2017, p. 58).

Logo, “a inclusão só é de fato verdadeira quando o indivíduo é tratado como um ser único, para que suas necessidades sejam atendidas evitando a generalização ou a padronização de métodos de ensino-aprendizagem” (SILVA, 2018, p. 18). Com base nisso, fica evidente que as práticas pedagógicas direcionadas para a inclusão devem ser feitas para atender as necessidades das crianças. Quando há crianças

com deficiência em sala de aula, o professor precisa desenvolver métodos de ensino, atividades, planos de aula que envolvam todas às crianças, e não somente aos alunos ditos “normais”, uma vez que optando por essas práticas, o processo de inclusão nunca será efetivado, mas somente ficará nas leis esse direito, enquanto que a realidade educacional passa bem longe dessa proposta de inclusão.

Levando em consideração esses aspectos, a professora de apoio A, destaca que:

Olha eu acho importantíssimo, eu abraço essa causa, assim... com todas as minhas forças, sabe? A gente tem que incluir, a gente tem que fazer com que eles têm essa interação com o outro, serve para eles,...que são autistas e serve também para todos nós. Os colegas que não têm essa deficiência aprendem a respeitar, aprende a ajudar, aprende a ter outra visão, né? Ver que o outro também é capaz independente da sua necessidade, todas é capaz. Então, eu acho muito importante isso (Professora de apoio A, 2018, entrevista).

A inclusão é um processo de fundamental importância para as crianças com deficiência. Incluir envolve respeito, cuidado, ajuda, troca de experiências, desenvolvimento na aprendizagem, promove a interação social, dentre outros fatores relevantes para todos os envolvidos nesse processo. Crianças com deficiência, nesse caso autistas, podem aprender de maneira significativa, juntamente com outras crianças, promovendo momentos de interação mútua entre ambas as partes, favorecendo o crescimento pessoal e social.

Nesse sentido, é importante ressaltar que “todo esse trabalho integrado é importante para o desenvolvimento sociocognitivo do aluno autista” (AMBRÓS e OLIVEIRA, 2017, p. 216). Corroborando com a afirmação das autoras, fica evidente a importância do trabalho em conjunto entre todas as crianças, independentemente das suas especificidades. Além disso, cabe salientar que:

É imprescindível que o processo de inclusão do aluno com NEE esteja em constante interação com o cotidiano da sala de aula regular, ou seja, o professor precisa repensar suas práticas e planejar de acordo com as necessidades do aluno, sem deixá-lo à margem do que está sendo abordado com os demais (COSTA, 2017, p.62).

Com base nisso, podemos perceber que a inclusão das crianças com deficiência nos espaços escolares, ocorre quando o planejamento pedagógico promove o pleno desenvolvimento desses sujeitos, conjuntamente com os demais

colegas de sala de aula. Envolver todas as crianças na mesma atividade é imprescindível, tanto para o processo de ensino e aprendizagem, quanto para a socialização e interação entre ambas as partes. Além do mais, as salas multifuncionais são de extrema importância, e nesse caso, a direção escolar afirma que a escola possui uma sala multifuncional, “com atendimento no turno oposto” (direção escolar, 2018, entrevista).

Logo, as instituições de ensino necessitam fazer “alterações em suas práticas pedagógicas, buscando adaptações no ensino, principalmente em seu currículo” (AMBRÓS E OLIVEIRA, 2017, P. 2010). De acordo com as autoras, o fazer pedagógico e o currículo escolar, são de grande relevância na inclusão de crianças com deficiências nos espaços escolares, promovendo a interação entre as crianças, a comunicação, o convívio, dentre outros aspectos.

Nesse sentido, a professora de apoio B, ressalva a importância da inclusão e diz que:

Oh...é importante, por que é importante? Porque o aluno com autismo, ele tem uma dificuldade enorme em socialização, e incluindo esse aluno em sala de aula comum, ele vai ter o contato com outros alunos, pra ele ter essa oportunidade de se desenvolver normalmente. Porque assim, não é o autismo que não vai fazer com que ele se desenvolva, mas é as possibilidades que ele tem que vai fazer ele se desenvolver ou não. Agora o que não pode acontecer é pegar um aluno autista e colocar na sala de aula sem mediação nenhuma, porque ele não vai conseguir associar as atividades, porque o autismo também, ele traz uma singularidade que é a atenção. O aluno autista ele não consegue ter muita atenção, entendeu? Ai se eu joga esse aluno na sala, e não dou a mediação necessária não vai adiantar nada, ele vai tá excluído, ele vai tá lá como um figurante, porque ele não vai conseguir associar muita coisa ele pode até pegar, mas em um determinado momento ele não vai conseguir associar muito. Então colocar esse aluno em sala de aula e não dá o apoio necessário a ele, além de ser exclusão, vai ser muita falta de respeito com o aluno porque não vai ter o desenvolvimento necessário, ele pode até se estressar com o ambiente por falta da mediação (Professora de apoio B, 2018, entrevista).

De acordo com a professora de apoio B a inclusão de crianças autistas em sala de aula possibilita o contato com outras crianças, desenvolve a comunicação e promove a socialização entre todos. Crianças autistas precisa dessa socialização, uma vez que apresentam grandes dificuldades na interação social, e o espaço educacional e as propostas de trabalho do professor são de grande relevância nesse processo.

Ainda cabe salientar, a importância da mediação do professor (regente) e/ou do professor de apoio, pois precisam de ajuda no momento das atividades e na explicação dos assuntos, deixar as crianças autistas sem esse apoio e/ou mediação o mesmo pode sentir-se excluídos das atividades em sala de aula. Todos esses aspectos citados acima pela mediadora B, mostra a importância do trabalho inclusivo em sala de aula, o qual conta com a participação e colaboração de todos, seja dos professores, dos colegas em sala de aula e de todos os envolvidos no espaço educacional. Além do mais, a direção escolar aponta que há um crescimento com relação a matrícula de crianças autistas na escola, e com isso necessita desenvolver cada vez mais um trabalho inclusivo.

Nessa perspectiva, Lopes (2011, p. 16), *apud* Barbosa et al, (2013, p.19781) destaca que:

Professores, orientadores, supervisores, direção escolar, demais funcionários, famílias e alunos precisam estar conscientes dessa singularidade de todos os estudantes e suas demandas específicas. Esta tomada de consciência pode tornar a escola um espaço onde os processos de ensino e aprendizagem estão disponíveis e ao alcance de todos e onde diferentes conhecimentos e culturas são mediados de formas diversas por todos os integrantes da comunidade escolar, tornando a escola um espaço compreensível e inclusivo.

Corroborando com a afirmação acima, o compromisso da educação inclusiva é responsabilidade de todos os envolvidos no espaço escolar, como também da família. Estar atento as especificidades apresentadas pelas crianças na escola, é de fundamental importância para desenvolver estratégias que possibilite a integração das mesmas em todas as atividades realizadas e na superação dos desafios. Além disso, o trabalho inclusivo, possibilita mostrar para todas as crianças, que todas são capazes de aprender e assimilarem os assuntos discutidos e trabalhados em sala de aula.

Dessa forma, podemos dizer que o trabalho educativo com as crianças autistas precisa ser de maneira consciente e significativo, de modo que o processo de ensino e aprendizagem sejam alcançados por todas as crianças. Levando em consideração a importância do apoio dos professores, colegas de sala de aula, diretores e demais funcionários, para o processo de inclusão das crianças autistas na rede regular de ensino, a professora de Apoio C, diz que:

Bom, a gente vê assim, alguns colegas tentam apoiar, eu vejo isso mais nas meninas. As meninas querem ajudar, querem é... ajudar fazer a tarefa,

querem até compartilhar brinquedo, uma brincadeira. É... outros nem chegam perto, a maioria dos meninos assim... nem se aproximam, quanto maiores, a gente vê o distanciamento, E tem questão assim... a gente vê que a criança por si, ela tem mais facilidade de aceitar o outro, a diferença, a dificuldade do outro, mas às vezes é tão enraizado até pelo próprio educador, porque a gente vê, vai fazer um trabalho em grupo a professora não se preocupa em colocar ele, ele continua lá no cantinho dele com a professora de apoio. Os outros grupos ditos normais vão trabalhar, então isso já é uma demonstração para os colegas que ele não faz parte daquele grupo, que ele não sabe, que ele não tem condição de estar junto ali, de trabalhar junto (Professora de apoio C, 2018, entrevista).

O apoio de outras crianças no processo de inclusão na rede regular de ensino é de grande relevância, pois possibilita o contato com o outro, aproximação, comunicação, entre outras coisas mais. Dessa forma, faz-se necessário juntar as crianças para fazer as atividades, de modo que possibilite incluir também as crianças com deficiências nos grupos. Ao deixar a criança afastada, ou até mesmo realizando a atividade sozinha, a mesma pode se sentir constrangida, excluída, incapaz, isso poderá comprometer em sua aprendizagem, e até mesmo impossibilitando que as crianças autistas tenham a participação no convívio social.

Levando em consideração a fala da professora de apoio quando diz que algumas crianças demonstram querer ajudar, se aproximar, aceitam o outro com suas diferenças, mas que durante a realização dos trabalhos, a professora deixa a criança autista por responsabilidade do professor de apoio, mostra-nos que “a escola atual ainda exclui muito, mesmo que, em muitos casos, se trate de uma exclusão disfarçada” (ESCÓRCIO, 2008, p. 39).

O direito a educação é de todos e para todos, e mesmo a educação inclusiva sendo legalizada, podemos perceber na citação acima que ainda há muito o que fazer com relação ao direito das pessoas com deficiência e a sua verdadeira inclusão na rede regular de ensino, uma vez que só matricular e está em sala de aula, não significa dizer que essas crianças estão sendo incluídas nas atividades em sala de aula.

Em síntese, fica evidente que não cabe somente ao mediador o processo de inclusão desses sujeitos no ambiente escolar, mas é papel de todos os envolvidos nesse contexto, sejam a família, as crianças, os professores, o diretor, o vice-diretor, a coordenação e os demais funcionários. Mas, “para que isso aconteça é necessário que a comunidade escolar, principalmente os professores tenham conhecimento do que é autismo”, além disso, faz-se necessário “ter uma perspectiva inclusiva e

preparar o quadro de docentes com alunos autistas é um importante começo” (SOUSA, 2015, p. 15-16).

Logo, percebemos que a inclusão de crianças com deficiência, acontece quando à uma busca para melhor compreender o que é autismo, as suas características e o que fazer ajudar e inclui-las no espaço escolar, além disso a formação docente e uma formação continuada são imprescindíveis nesse processo.

4.3 PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS AUTISTAS ATIVIDADES ADAPTADAS E A FORMAÇÃO DOCENTE

De acordo com Oliveira (2016, p. 6): “a escola tem uma responsabilidade social muito grande, pois é ela que promove o desenvolvimento atuando como uma mediadora na construção do conhecimento”. Com base nisso, fica evidente que a escola é lócus privilegiado no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo significativamente na construção do conhecimento. Por ser a escola esse espaço fundamental para a formação dos sujeitos, “(...) precisa se abrir às diferentes maneiras de incluir a crianças deficiente no contexto da aprendizagem” (OLIVEIRA, 2016, p. 4).

Incluir crianças deficientes na rede regular de ensino, não é apenas realizar a matrícula desse sujeito, mas sim, demanda toda uma organização e adaptação na estrutura do espaço escolar, metodologias de ensino que supram as especificidades das crianças autistas e propostas de trabalho direcionadas a esse público para que essas crianças possam se sentir acolhidas nesse espaço, bem como interagir com os demais envolvidos nesse processo e participando ativamente das atividades realizadas em sala de aula.

Assim sendo, podemos dizer que:

A inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas de ensino regular requer a superação de vários desafios, dentre os quais a preparação dos docentes, já que o processo de inclusão não se limita à mera matrícula do aluno na escola regular. Cabe à instituição escolar atender os alunos em suas especificidades e singularidades, a fim de lhes garantir uma educação de qualidade (FERNANDES e SILVA, 2016, p. 1).

Portanto, incluir crianças com autismo na rede regular de ensino é um papel desafiador para todos os profissionais da educação, pois assim como destaca os autores, é preciso uma formação continuada que dê conta do atendimento a esse

público, pois não é somente inseri-la em sala de aula, mas é necessário pensar em metodologias que supram as necessidades das crianças com deficiência e também desenvolver objetivos que sejam atingidos ao final de cada unidade escolar, possibilitando uma formação educacional, pessoal e social das mesmas.

A inclusão das crianças na rede regular de ensino significa dizer que a escola precisa estar preparada para atender as especificidades das crianças e oferecer um ensino de qualidade para as crianças, proporcionando um significativo processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, o currículo escolar precisa ser flexível (sujeito a alterações), além da necessidade de desenvolver metodologias diversificadas que englobem todo o público escolar. Assim, “(...) faz-se necessário que o professor e a própria escola busquem novos conhecimentos, ampliando seu repertório de práticas educativas capazes de atender as necessidades dos alunos com TEA que estudam no ensino regular” (FERNANDES e SILVA, 2016, p. 2).

Percebe-se a importância de novas práticas pedagógicas para o desenvolvimento de atividades para as crianças autistas, possibilitando o seu crescimento pessoal, social, afetivo, entre outros. Levando em consideração as discussões acima, é possível perceber na fala da Professora C, algumas de suas considerações acerca da importância da metodologia utilizada em sala de aula.

Assim, diz que:

É... a gente sabe que as escolas, ela tem uma cultura de... de usar metodologias para todos os alunos sem respeitar as especificidades de cada um. É as vezes essa metodologia perpassa por todo ano sem ter mudanças de métodos, de recursos, sem estimular outros sentidos da criança, né, que a gente sabe que cada um aprende de uma maneira diferente, tem um que aprende pelo visual, outros aprendem pelo auditivo, outros aprendem pelo o que está ouvindo ali, outros aprendem com o conjunto disso tudo. Então o interessante seria que na sala de aula tivesse... que a cada dia fosse proporcionado um momento diferente, com recursos diferentes, para que os alunos pudessem tanto ter a maneira tradicional e umas metodologias diferentes para que ele pudesse é... alcançar a aprendizagem (Professora de apoio C, 2018, entrevista).

Nessa perspectiva, a resposta da professora C foi de fundamental importância para melhor compreendermos que cada criança aprende de uma maneira diferenciada, no tempo de cada um, e com isso a metodologia é um dos principais elementos para favorecer um bom desempenho de todos em sala de aula, principalmente para as crianças que possuem dificuldades na aprendizagem e também das crianças com deficiência.

Sabemos que a metodologia utilizada para os sujeitos com deficiência precisa estar adaptada para atender as suas demandas, e com isso o currículo precisa ser flexível, as metodologias diversificadas, de modo a oferecer a todos os envolvidos uma educação de qualidade, como também uma educação inclusiva.

Logo, podemos dizer que “(...) a resignificação das práticas escolares apresenta-se como uma premissa básica para a educação inclusiva” (MELO, 2014, p. 29). Portanto, as mudanças e as variações das práticas escolares são de grande relevância para a efetivação da inclusão de crianças com deficiências garantindo um significativo e produtivo processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, cabe salientar que as crianças autistas que são inseridas na rede regular de ensino, e por apresentarem dificuldades na interação social, na comunicação, na afetividade, necessitam do apoio de um professor mediador, como também do professor (regente), uma vez que é papel de ambas as partes assegurarem o pleno desenvolvimento desses sujeitos.

Além disso, as adaptações nas atividades é um direito garantido por lei, para todas as crianças com deficiência que fazem parte do contexto educacional, como consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, as escolas devem garantir para as crianças com deficiência “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades” (Lei nº 9.394/96).

Dessa forma, a professora de Apoio B, fala um pouco da sua prática com sua aluna autista em sala aula:

Olha, propor atividades que envolva a turma, no meu caso, a minha aluna, ela tinha muita dificuldade de socializar com os colegas. Tinha alguns colegas que ela até conseguia aproximação, outros não. Os alunos, alguns alunos se distanciavam muito dela e isso era muito difícil. O que acontece, eu comecei a fazer sensibilizações na sala, toda sexta-feira, eu fazia sensibilizações na sala no intuito de que a aluna interagisse com os colegas e uma forma também, de ajudar os colegas da sala, porque toda semana um deles ou a própria aluna trazia um tema específico sobre a realidade deles, onde a gente na sexta-feira discutia um pouco sobre esse tema nos intervalos das aulas e todos os alunos participavam dessa sensibilização. Eu sempre fazia uma dinâmica que envolvesse a turma e a aluna e sempre no fim da dinâmica todos tinham que se abraçar. Então, a partir disso, a aluna começou a ser mais colega dos colegas, porque a questão de abraçar, a afetividade, a questão de tá sempre próximo ali cuidando e tinha também algumas vezes que os colegas traziam alguns questionamentos, que como era proposto eles trazerem o questionamento, tinha uns questionamentos que envolvia a questão da família, questões sentimentais e sempre nas sensibilizações, isso também incentivava a aluna ter mais cuidado com os colegas, não sentir

pena, mas ter o sentimento de compaixão com as pessoa ao redor dela (Professora B, 2018, entrevista).

Baseado nisso, é possível perceber que as intervenções do professor de apoio, com a ajuda do professor regente são de grande relevância no desenvolvimento da interação social da criança autista com os demais colegas, uma vez que, como ressalta a professora de apoio B, alguns colegas se distanciavam da criança autista, e esse é um desafio que deve ser enfrentado por todos os envolvidos, para que haja uma verdadeira inclusão em sala de aula. E como podemos perceber a mesma utilizou-se de uma metodologia diferenciada (“sensibilizações: tema específico da realidade de cada criança”), para que todos pudessem perceber a importância do respeito ao próximo.

Assim, incluir a todos nas atividades faz as crianças sentirem-se capazes de realizar e superar os desafios, sentir-se acolhida por todos, e no caso das crianças autistas que tem dificuldades de interagir com o outro, pensar em estratégias que envolvam a todos, possibilita um grande avanço para o seu desenvolvimento físico, afetivo, emocional e social.

Sendo assim, cabe salientar que:

As crianças com autismo têm dificuldade de entender sobre as relações humanas e as regras e convenções sociais. Podem ser ingênuas e não compartilham do senso comum. Sua rigidez gera dificuldade em gerir a mudança e as tornam mais vulneráveis e ansiosas. Muitas vezes não gostam de contato físico. Se a situação for mal manejada, podem acabar exploradas e ridicularizadas por outras crianças. No entanto, elas querem ser parte do mundo social e ter amigos, mas não sabem como fazer para se aproximar (BARBOSA, *et all*, 2013, p. 19784).

De acordo com a afirmação acima, podemos perceber que as crianças autistas apresentam grandes dificuldades na aproximação com seus pares, por não saberem relacionar-se com o outro. Em alguns casos, acabam se retraindo, preferindo ficar em locais isolados. E com isso, o professor de apoio e o professor regente cumprem um papel primordial (ajudar as crianças autistas a interagirem e a participarem ativamente das atividades realizadas em sala de aula) como também, para que as crianças autistas mantenham uma relação harmoniosa com os demais colegas.

Além disso, os autores destacam que as crianças autistas não gostam de manter contato físico com outras crianças. Com isso, pensar em diferentes estratégias como foi falado na entrevista da professora B para integrar todas as crianças nas

atividades, como um abraço no final da dinâmica, possibilita uma aproximação entre ambas as partes, como também no desenvolvimento da afetividade e no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, a professora de Apoio A, destacou em sua entrevista que:

É ... porque assim, o aluno especial não precisa só de uma atividade adaptada, ele precisa de se interagir com a turma, ele precisa participar de grupos de brincadeiras, dos grupos de trabalho, porque a gente...eu pego o conteúdo, por exemplo, a professora tá trabalhando “animais mamíferos” aí eu vou, pego a imagem de animais mamando, porque como o aluno é autista, a gente tem que ter mais prática do que teoria, então trago imagens de tudo. Todo conteúdo, se tiver imagem, eu trago imagem e fica bem mais fácil pra ele entender. Eu resumo bem o que eu tenho que falar, porque é mais prática mesmo do que teoria (Professora de apoio A, 2018, entrevista.)

A professora de Apoio A, afirma que não é somente as atividades adaptadas que possibilitam o processo de ensino e aprendizagem, bem como a interação das crianças autistas com seus pares. Mas sim, surge a necessidade do trabalho com brincadeiras em grupos, possibilitando cada vez mais a aproximação entre todos os envolvidos em sala de aula. Logo, “(...)a interação por meio do brincar abre possibilidades para os processos de ensino e aprendizagem” (CUNHA, 2012, MACIEL; FILHO, 2009, *apud* MELO, 2016, p.12).

Percebe-se então a importância das brincadeiras para o pleno desenvolvimento das crianças autistas. Além disso, as brincadeiras precisam ser adaptadas para que possa atender as necessidades dessas crianças. O uso de imagens na realização das atividades também é importante, pois através das imagens, que as crianças conseguem estabelecer conexões entre a figura e os assuntos explicado pela professora, haja vista que “(...) através do uso de imagens a pessoa com TEA obtém uma melhor compreensão, que vem colaborar significativamente no processo de organização do pensamento da linguagem” (BENINI e CASTANHA, 2016, p. 14).

Diante das questões discutidas acima sobre a importância de adequar as metodologias para a educação das crianças autistas, é importante ressaltar que durante as entrevistas, foi possível perceber, nas falas das entrevistadas, questões pertinentes sobre algumas dificuldades encontradas no dia a dia no processo de ensino e aprendizagem das crianças com TEA.

As crianças autistas apresentam, em suas características, dificuldades na interação social, sensibilidades a barulhos, variações de comportamento, problemas

relacionados a linguagem verbal e não-verbal, em alguns casos ficam agitadas, não estabelecem contato visual com outras pessoas, entre outros sintomas, os quais dificultam no momento da aprendizagem e concentração durante das aulas. Dessa forma, é pertinente a atenção do professor mediador para intervir nessas circunstâncias, de modo a garantir que a criança autista, se desenvolva durante as aulas, e com isso, a professora de apoio A, ressalva que:

Bom, pelo fato dos alunos com TEA apresentarem dificuldades na comunicação e também na coordenação motora, né? E muitas vezes também tem dificuldades em se concentrarem, perdem o interesse facilmente pelas atividades propostas. Aí fica difícil de perceber se o aluno compreendeu por conta das dificuldades do próprio transtorno. Os avanços na aprendizagem ocorrem de forma lenta, daí a importância de estar registrando os avanços deste aluno (Professora A, 2018, entrevista).

As questões citadas pela professora de apoio A, nos traz algumas reflexões acerca das dificuldades que são encontradas, diariamente, nas salas regulares de ensino para crianças autistas. Mas, ressalta ainda que o processo é lento, e com isso há a necessidade de fazer anotações sobre o grau de aprendizagem demonstrado por esses sujeitos, no decorrer das aulas. Perceber os avanços e as dificuldades durante as aulas, significa estar atento para fazer as mudanças necessárias na metodologia e também perceber os assuntos assimilados pela criança autista. Quando existem os avanços nas aprendizagens, mostra que o trabalho realizado em sala de aula tem sido significativo e proveitoso, havendo assim a construção do conhecimento.

Nesse sentido, é pertinente destacar que:

As dificuldades enfrentadas pelas crianças autistas podem ser superadas, desde que haja acompanhamento especializado, bem como a utilização de técnicas que devem ser aplicadas de acordo com a necessidade individual de cada criança. Essas técnicas ajudam a desenvolver habilidades cognitivas e capacidades de interagir socialmente em seu dia a dia. A aprendizagem deve ser estimulada pelos professores, e principalmente pelos pais que têm um papel fundamental, pois são eles que convivem diariamente com essas crianças (SANTOS, SANTOS E SANTANA, 2016, p. 11).

De acordo com a fala das autoras, podemos perceber que as dificuldades encontradas na educação das crianças autistas podem ser superadas, e com isso, faz-se necessário o uso de técnicas e acompanhamento especializado. Assim como ressalta as autoras, é imprescindível que as crianças autistas mantenham contato com outras crianças, possibilitando o desenvolvimento da comunicação, a afetividade, o

convívio social, o que contribui significativamente para a aprendizagem. Os pais e professores também possuem um papel essencial na superação das dificuldades, uma vez que a troca de experiências vivenciadas pelas crianças autistas em casa e na escola, possibilita repensar as metodologias e a forma de lidar com as adversidades do cotidiano.

Nesse sentido, quando discutimos questões acerca da metodologia para ser trabalhada com as crianças autistas na rede regular de ensino, favorecendo também a inclusão desses sujeitos nas atividades, é pertinente desenvolver propostas pedagógicas, visando “contribuir para o desenvolvimento infantil no âmbito linguístico, cognitivo, social, emocional” (MELO, 2016, p.12). Dessa forma, podemos perceber a relevância das práticas pedagógicas direcionadas para esse público, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem e para a sua formação pessoal e social. Quando as propostas educativas são realizadas pensando nas especificidades das crianças em sala de aula, abrange também o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Levando em consideração a importância das práticas pedagógicas, a professora de apoio B, ressalva que:

Olha, a mediação pedagógica não é uma coisa que é feita aleatória, eu não posso pegar o aluno, e isso vale para qualquer aluno, eu não posso fazer qualquer mediação. Eu preciso de conteúdo específicos pra proporcionar o máximo do desenvolvimento do meu aluno. Eu não posso pegar, por exemplo, se o aluno já está em uma série mais avançada e a professora passa uma atividade de interpretação de texto, eu não posso fazer um ditado de palavras daquele texto, eu preciso sentar com minha aluna, fazer a leitura com ela, que era o que eu fazia mais de uma vez, se ela não identificar, começar a explicar em outras situações que trouxesse a memória dela o que aquele texto queria dizer. Porque não basta eu fazer qualquer coisa e dizer que é mediação. A mediação pedagógica tem que ser algo direcionado, intencional pra que o aluno se desenvolva (Professora de apoio B, 2018, entrevista).

Percebemos na fala acima, a importância e o cuidado com as práticas pedagógicas, principalmente para as crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, uma vez que crianças com deficiência requerem uma atenção dos professores regente e dos professores de apoio para intervir quando necessário. Com isso, faz-se necessário desenvolver planos de aula que supram as necessidades das mesmas, levando em consideração os resultados a serem alcançados e as

especificidades de cada uma. Pensar na criança com deficiência e elaborar atividades adaptadas, significa também incluí-la no processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso:

Essa é uma reflexão sobre a necessidade de se ter uma organização docente nesse processo, a cada planejamento, a cada intervenção realizada, o educador deve buscar a auto avaliação, visto que ele precisa estar atento às peculiaridades de cada um de seus alunos. Isso se aplica aos alunos com deficiências mais evidentes, e perceber, acima de tudo, se as metas de aprendizagens desses discentes estão sendo alcançadas. A partir dessa percepção inicial, o professor terá condições de indicar práticas de ensino que favoreçam a diversidade dentro de sala de aula. A construção de propostas inclusivas deve ser condizente com a realidade de cada criança em seu contexto escolar específico, posteriormente o professor deve estabelecer um viés de comunicação com a família a fim de identificar os interesses do seu aluno, como também o que o deixa mais irritado ou insatisfeito (MELO, 2016, p. 15 – 16).

Nesse sentido, podemos perceber na fala da autora que o planejamento pedagógico deve ser realizado de modo organizado, inclusivo, tendo como base as especificidades apresentadas pelas crianças em sala de aula e estar atento aos avanços e as dificuldades. Dessa forma, esses detalhes possibilitam ao professor reorganizar suas intervenções em sala de aula, visando o desenvolvimento das crianças que possuem dificuldades na aprendizagem, percebendo se os objetivos almejados estão sendo alcançados, ou não, ao final de cada atividade realizada, como também contribuindo na formação das demais crianças. Portanto, todas as intervenções e as propostas pensadas na inclusão das crianças com deficiência no contexto educacional, precisa pautar-se nas dificuldades encontradas nas mesmas.

Com isso, a professora de apoio C, diz que:

Bom, a mediação pedagógica do aluno com TEA é muito importante, porque a gente sabe que o professor da sala regular, ele não dá conta da sala e desse aluno. Então ele tendo esse mediador, esse professor de apoio para mediar as atividades, para mediar a maneira como ele vai aprender, porque esse professor de apoio estando mais perto, vai levar em consideração as habilidades que ele tem, até de onde posso começar, mesmo que o professor esteja dando um conteúdo além do que ele sabe, então sabe até aonde ele vai, vai saber fazer as adaptações e esse resultado vai dar também mais autonomia, essa mediação cria mais autonomia na criança, cria mais... vamos dizer assim, mais confiança, que ele consegue, porque se a gente deixar ele sozinho, ele já tem uma dificuldade de interação, de comunicação, já tem uma dificuldade de... vamos dizer assim, de compreender as coisas de formas verbais, e se a gente deixar ele por si só, ele não vai conseguir organizar esse aprendizado que a escola quer passar (Professora de apoio C, 2018, entrevista).

Dessa maneira, a professora de apoio C, destaca um pouco sobre o seu papel na mediação das atividades, para auxiliar o professor regente em sala de aula. Por passar mais tempo com a criança autista durante o dia, o mediador consegue perceber com mais facilidade quais são as dificuldades apresentadas por essa criança e as habilidades alcançadas, e com isso possibilitará o desenvolvimento de novas metodologias diversificadas no intuito de promover uma significativa aprendizagem, além do mais “terá indicadores de como se planejar e materializar práticas pedagógicas a fim de possibilitar as aprendizagens desse aluno no contexto da escola inclusiva” (MELO, 2016, p. 15).

Nas redes regulares de ensino o professor de apoio tem contribuído no processo de ensino e aprendizagem das crianças e para a superação das dificuldades encontradas no dia a dia. Nesse sentido, durante a entrevista foi possível perceber alguns aspectos relevantes sobre a formação e a inclusão das crianças autistas nos espaços escolares. Assim, a professora de Apoio A, diz que:

Olha, eu acho que o fundamental é, no caso... seria o ponto de partida, seria...é a secretaria investir mais na formação dos professores, porque assim, a gente tem nas escolas professores que já se formaram há 20 anos atrás, 24 anos atrás, né, e muitos não se interessam por uma formação continuada, então não entende quase nada de inclusão. Eu já trabalhei com professores, não foi esse ano, mas eu já trabalhei com professores que me diziam, eu como professora de apoio, eles me diziam: “É...esse negócio de criança...é...deficiente estudar, isso aí é só pra cumprir a ordem, cumprir a lei, mas isso não adianta nada, porque não aprende nada. Então assim, é complicado, né? A gente ouvir isso de um professor. Então eu acho que se tivesse mais investimento na formação dos professores, eu acho que de fato ia haver uma verdadeira inclusão (...).Se o professor tiver uma boa visão sobre a inclusão, eu falo o professor regente, né? Porque geralmente, os professores de apoio têm, porque são professores que tão ainda estudando na universidade, então tá naquele processo, sabe, de aprender sobre educação especial, sobre a educação inclusiva, então nós, né? Por exemplo, realizamos um bom trabalho. Agora muitos professores regentes, não é todos, mais muitos, principalmente aqueles que tem muitos anos de formados, eu acho que deveria ter um investimento maior por parte da secretaria. Eu não sei se você trabalha como professora regente, você já viu formação pela secretaria pra se tratar de inclusão para os professores regentes? Não, quando tem é para a professora de apoio, não tem para o professor regente, né, eu acho que isso também é um meio do professor regente achar que o aluno especial é só do professor de apoio (Professora de apoio A, 2018, entrevista).

Assim sendo, podemos perceber na fala da professora de apoio A, a importância nos investimentos na formação continuada, uma vez que quando conhecemos melhor as especificidades apresentadas pelas crianças em sala de aula, as intervenções que poderão ser realizadas serão mais significativas para o pleno

desenvolvimento das crianças. Quando não conhecemos as diferentes deficiências, nós ignoramos e muitas vezes deixamos a criança de lado, dando prioridade aos demais, como consta na fala da mediadora A.

Dessa forma, conhecer e compreender as diferentes características de cada deficiência, possibilita exercer um trabalho inclusivo e proveitoso para todos os envolvidos nesse processo. Além disso, ainda destaca que o conhecimento acerca da educação inclusiva não deve ser apenas para os professores de apoio, mas para todos os professores regentes, mas isso ainda não acontece, como pode ser visto na fala acima.

Nessa perspectiva:

É visto que a Formação Inicial não tem conseguido amparar substancialmente os professores de acordo com a diversidade apresentada no contexto educacional, pois há inúmeras questões que necessitam ser reestruturadas, principalmente ao que se refere ao ensino, à aprendizagem e a inclusão das Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais-PNEEs. Ainda, é importante ressaltar que mesmo após a implantação da Política de Inclusão, a maioria dos professores ainda tem encontrado dificuldade para suprir as especificidades educacionais de seus alunos com Necessidades Educacionais Especiais, pois em grande parte, sua Formação Inicial não corroborou para a construção de concepções a respeito das particularidades de cada deficiência encontradas na sala de aula de aula comum. No caso específico do Autismo, trabalhos anteriores demonstram que faltam profissionais qualificados que possam desenvolver um trabalho educacional de qualidade com essas pessoas (CARVALHO, 2014, p. 2).

De acordo com a autora, a formação inicial não dá conta das diversidades encontradas no espaço educacional, principalmente no processo de ensino e aprendizagem de crianças que necessitam de atividades adaptadas, metodologias diferenciadas e diversificadas, possibilitando a efetivação da inclusão das crianças com deficiência nas redes regulares de ensino. Além da formação inicial, faz-se necessário investir na formação continuada, buscando sempre novos conhecimentos, de modo a ter uma base teórica sólida sobre inclusão e metodologias a serem aplicadas para as crianças com deficiência e também ampliando o seu repertório de conhecimentos e habilidades na educação inclusiva.

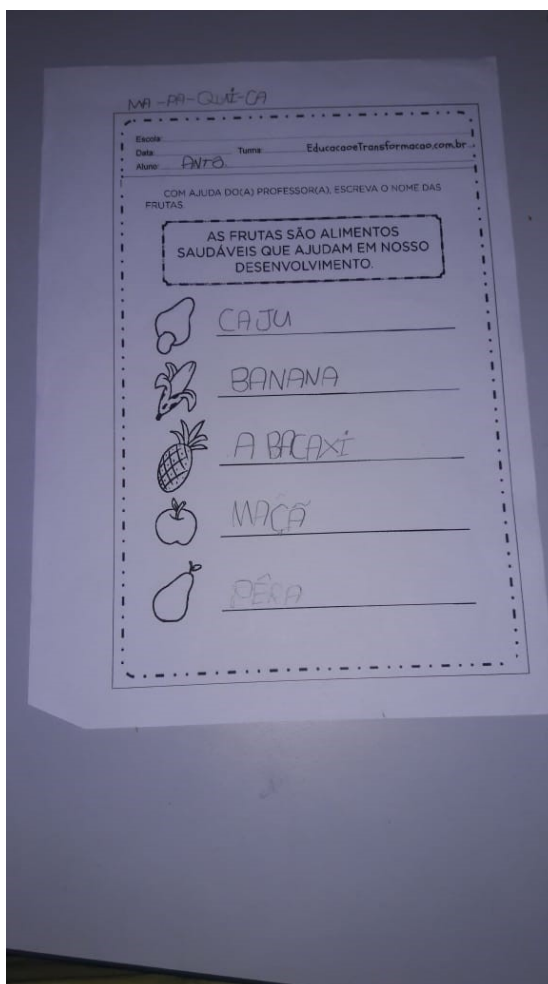
A autora ainda ressalva que mesmo com as políticas de inclusão, ainda são muitos os desafios a serem superados, uma vez que a formação inicial não é o suficiente para uma melhor compreensão no atendimento a esse público, principalmente as características apresentadas por cada criança. Portanto, há a

urgência de formar profissionais, especificamente na educação inclusiva, de modo a oferecer às crianças com deficiência um ensino de qualidade.

Diante do exposto acima, podemos perceber a importância da formação continuada no trabalho com as crianças com deficiência. O professor de apoio vem sendo um profissional essencial nesse processo, mas cabe salientar que a colaboração entre o professor regente e o professor de apoio é essencial para pensar nas propostas pedagógicas inclusivas, para que todos possam participar das aulas e das atividades ativamente.

O processo de ensino e aprendizagem nas redes regulares de ensino, devem ser pensadas para todos, independentemente das suas especificidades, uma vez que a escola é um local por excelência na construção dos conhecimentos, e precisa cada vez mais estar preparada para atender a todas as crianças, de maneira inclusiva, participativa, proveitosa e significativa para todos os envolvidos. Nesse sentido, ao falar sobre atividades adaptadas, trago alguns exemplos utilizados pela professora de apoio com as crianças autistas.

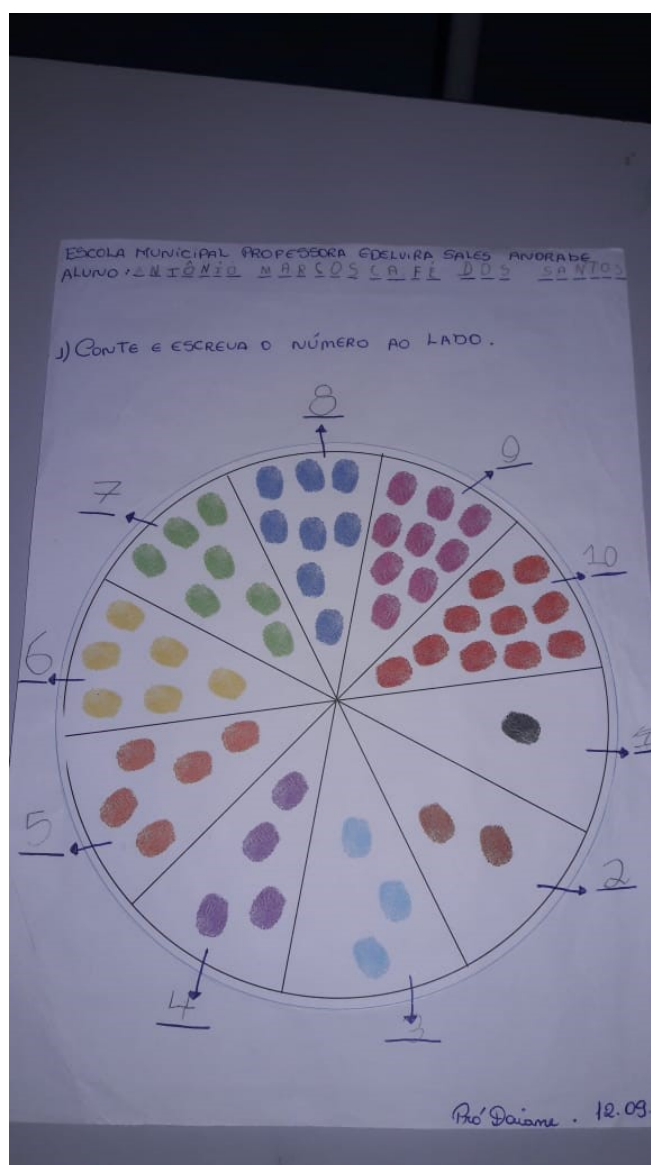
FIGURA 1: ATIVIDADE ADAPTADA



Fonte: foto tirada pela professora de apoio, após a finalização da atividade, 2018

A atividade adaptada acima, foi desenvolvida pela professora de apoio para ser realizada pelo seu aluno autista. Nessa atividade, é possível perceber que a professora utilizou de imagens de objetos para que o aluno escrevesse o nome ao lado.

FIGURA 2: ATIVIDADE ADAPTADA



Fonte: foto tirada pela professora de apoio, após a finalização da atividade, 2018

Nessa atividade é possível perceber que a professora utilizou círculos para que a criança autista pudesse contar quantas bolinhas tem em cada pedaço.

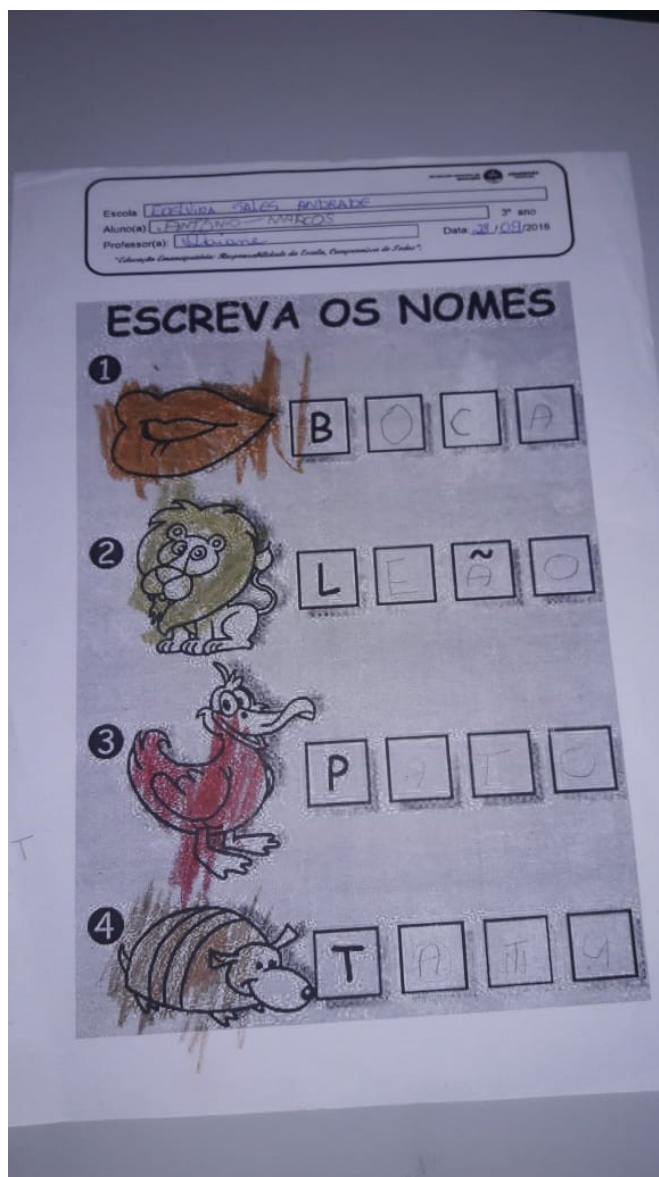
FIGURA 3: ATIVIDADE ADAPTADA



Fonte: foto tirada pela professora de apoio, após a finalização da atividade, 2018.

Nessa atividade, a professora de apoio utilizou a imagem de bolas com três tamanhos distintos: pequeno, médio e grande. Possibilitando a criança perceber a diferença das três bolas.

FIGURA 4: ATIVIDADE ADAPTADA



Fonte: foto tirada pela professora de apoio, após a finalização da atividade, 2018.

Nessa atividade, a professora utilizou de diferentes imagens para que a criança autista, escrevesse o respectivo nome ao lado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo monográfico, foram realizadas algumas pesquisas acerca da importância da inclusão de crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), levando em consideração dois aspectos essenciais nesse processo: a formação docente e as atividades adaptadas. Sabemos da relevância das adaptações do espaço educacional para atender e incluir crianças com deficiência na rede regular de ensino. Desse modo, as discussões tecidas no decorrer do texto, trouxeram valiosas contribuições para melhor repensarmos o papel da escola para que, de fato, a inclusão aconteça, de maneira satisfatória para todos os envolvidos. Além do mais possibilitou uma melhor compreensão acerca das dimensões teóricas e práticas sobre as diversas vertentes que englobam todo esse processo.

A educação está atrelada a todo um processo histórico e social, uma vez que faz parte da sociedade nos mais diferentes aspectos, como também a sociedade se organiza e integra ao contexto educacional, auxiliando os caminhos a serem trilhados na construção dos conhecimentos. Dessa forma, podemos dizer que a escola e a educação são uma via de mão dupla, perpassando por um processo contínuo e cheio de significados por todos aqueles que fazem parte dela. Assim sendo, a educação se constitui nos mais diversos espaços (formais e informais) da sociedade, construindo experiências e vivências fundamentais na formação cidadã.

Por esse ângulo, pensando em uma escola inclusiva, constituída por uma filosofia que aceita, valoriza e integra a todos os indivíduos, independentemente de suas especificidades e características próprias, precisa ser efetivada e consolidada no dia a dia, através das práticas educacionais, novas organizações, estruturas adaptadas, conscientização, entre outras ações.

Dessa maneira, trazendo algumas reflexões acerca do contexto educacional, especificamente as redes regulares de ensino, onde todos participam coletivamente do processo de ensino e aprendizagem, sejam eles: professores, crianças, funcionários e demais membros que constituem esse espaço, existem desafios a serem superados e construídos no cotidiano escolar. Nessa perspectiva, é importante frisar que a educação é um processo contínuo e inacabado, o qual pode ser construído nos mais diversos espaços da sociedade.

Nesse sentido, como foi discutido ao longo do texto, podemos perceber a grande relevância da escola para a formação pessoal e social de todos os envolvidos nesse processo. A escola é um local por excelência na construção dos conhecimentos, além do mais o direito à educação é de todos e para todos, sem fazer distinção das especificidades apresentadas por cada sujeito. Para tanto, as discussões tecidas em todo o texto mostram os desafios que precisam ser superados nas redes regulares de ensino, na educação de crianças autistas. Muitas mudanças já foram realizadas para atender as crianças com deficiência nos espaços escolares, mas muitas mudanças e adaptações ainda precisam ser feitas, promovendo uma significativa educação inclusiva para todos.

Além disso, cabe ressaltar que pensar em uma educação inclusiva na rede regular de ensino é de fundamental importância para o pleno desenvolvimento das crianças autistas. Durante as entrevistas e estudos bibliográficos realizados, foi possível perceber que as crianças que possuem alguma especificidade podem se desenvolver normalmente, como qualquer outra criança, mas necessitam de tempo e estratégias pedagógicas que contribuam para o seu desenvolvimento. No entanto, cabe ressaltar que a falta de um planejamento adaptado para a realidade dessas crianças e de materiais/recursos e/ou instrumentos para mediar a aprendizagem, o seu desenvolvimento pode ser comprometido.

Para tanto, cabe salientar que a educação inclusiva é uma área que abrange muitos desafios e mesmo com a institucionalização de leis, políticas públicas, currículos e metodologias ainda há a necessidade de mudanças com relação a formação docente, a igualdade de oportunidades, participação da família, apoio e colaboração de todos os envolvidos nos espaços escolares, dentre outras atitudes, que são fundamentais para que haja uma verdadeira educação inclusiva nas redes regulares de ensino, haja vista que incluir não é apenas inserir as crianças com deficiência com outras “ditos normais”, “mas representam a ousadia de rever concepções e paradigmas, bem como desenvolver o potencial dessas pessoas, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades” (GUENTHER, 2003, p. 47, *apud* SOUZA, VALENTE E PANNUTI, 2015, p. 10882).

Para a efetivação de um significativo processo de ensino e aprendizagem, é preciso considerar a importância das práticas pedagógicas no contexto educacional. Dessa forma, é importante pensar em metodologias que englobem todas as crianças,

em um trabalho conjunto, para que todos possam ser envolvidos na mesma atividade. Nesse ínterim, o professor precisa conhecer as crianças, de modo que possa perceber se na sua turma, existem crianças que apresentam alguma dificuldade na aprendizagem ou alguma deficiência. Ir em busca de novos conhecimentos para orientar a sua prática pedagógica, é essencial para o pleno desenvolvimento dos sujeitos. Diante de tudo que foi exposto, cabe ressaltar algo marcante na percepção das professoras de apoio, o reconhecimento da necessidade de formação continuada do professor para favorecer a aprendizagem, desenvolvimento e as práticas pedagógicas inclusivas para as crianças com TEA. Assim sendo, cabe salientar a importância da formação docente, mas sobretudo refletirmos sobre o papel do professor em sala de aula frente às realidades educacionais.

A formação docente é um elemento crucial nesse processo de inclusão de crianças autistas na rede regular de ensino, uma vez que os professores desempenham um papel fundamental, no que tange ao desenvolvimento e andamento das práticas e processos escolares, com isso, é de grande relevância ressaltar que a formação desses profissionais é imprescindível diante de todos esses aspectos. As discussões acerca da formação docente é um tema que deve ser sempre questionado, levando em consideração a realidade educacional, haja visto que torna-se um elemento fundamental na construção de bases teóricas sólidas, que possibilitam o delineamento e construção de práticas inovadoras e significativas para o processo de ensino e aprendizagem, conforme a realidade das crianças em sala de aula.

Em linhas gerais, para a construção e desenvolvimento da presente monografia, tomou-se como principal objetivo compreender como o professor de apoio auxilia o processo de ensino e aprendizagem das crianças com TEA na rede regular de ensino e a sua inclusão proporcionando o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. Para tanto, para uma melhor sistematização e compreensão do tema, buscou alcançar os seguintes objetivos específicos: perceber a relação entre o professor de apoio mediador e as crianças com TEA; analisar a metodologia utilizada pelo professor de apoio como mediador no processo de ensino e aprendizagem das crianças com TEA; compreender como as atividades adaptadas utilizadas pelo professor mediador em suas metodologias, auxiliam no desenvolvimento cognitivo das crianças com TEA.

Ainda cabe salientar que, durante o desenvolvimento das entrevistas com a direção escolar e com as três professoras de apoio, ficou evidente a importância das

pesquisas acerca da inclusão de crianças autistas na rede regular de ensino e a grande relevância desse profissional para auxiliar o professor em sala de aula e ajudar as crianças em seu desenvolvimento pessoal e social. Além do mais, mostraram-se dedicadas e comprometidas na realização da entrevista, estando à disposição quando foi necessário.

Após as análises das respostas ficou evidente, segundo a percepção das professoras de apoio que na escola ainda existem reações tanto de repulsa e quanto de aceitação das crianças com TEA. Ficou subtendido também, a necessidade do professor de apoio para construir juntamente com a professora regente novas estratégias de mediação para um conteúdo inclusivo. Sabemos que a inclusão não é um processo fácil, mas que demanda conhecimento, superação de desafios no dia a dia, disposição e compromisso para incluir todas as crianças nas atividades em sala de aula, dentre outros aspectos que são essenciais.

Diante do exposto, cabe reforçar a importância da reorganização da escola, para promover condições favoráveis para a verdadeira inclusão de modo que essas crianças com TEA não tenham apenas o acesso, mas permaneçam e se desenvolvam na escola. Assim sendo, as análises tiveram três seguimentos importantes para compreendermos melhor todo esse processo de inclusão: formação docente e ensino e aprendizagem (levando em consideração as atividades adaptadas), inclusão e participação e contribuição do professor de apoio. Esses três seguimentos foram fundamentais para melhor compreender o tema da pesquisa.

6. REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Kellen Dantas. **TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E A INCLUSÃO ESCOLAR**. Maringá, 2015. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC-2015/kellen_dantas_alexandre.pdf. Acessado em 09 maio 2018

ALMEIDA, Flávio Aparecido. **Desafios da Inclusão de Crianças Autistas na Rede Regular de Ensino**. Psicologia. PT – Portal dos Psicólogos, 2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1098.pdf>. Acessado em 09/01/2019.

AMBRÓS, Danieli Martins; OLIVEIRA, Glaucimara Pires. **O Aluno com Transtorno do Espectro Autista na Sala de Aula: caracterização, legislação e inclusão**. I Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão – PUCRS, 2017. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-3/completo-3.pdf>. Acessado em: 16/01/2019.

ANDRÉ, Marli E.D.A.; LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1996.

BARBOSA, Amanda Magalhaes; ZACARIAS, Jaqueline da Cruz; MEDEIROS, Kesia Natália; NOGUEIRA, Ruth Kesia Silva. **O Papel do Professor frente à Inclusão de Crianças com Autismo**. EDUCERE – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Ed. 70, LDA Lisboa, Portugal, 2009.

BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo. A Inclusão do Aluno com Transtorno do Espectro Autista na Escola Comum: desafios e possibilidades. In: **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**. Cadernos PDE, vol. 1, 2016.

BERETA, Mônica Silveira; VIANA, Patrícia Beatriz de Macedo. **Os Benefícios da Inclusão de Alunos com Deficiência em Escolas Regulares**. Revisa Pós-Graduação: desafios contemporâneos, vol. 1, nº 1, 2014. p. 115 – 129.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Senado Federal, 1998.

BRASIL. **Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acessado em 22/01/2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Ministério Público Federal**. O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns da rede regular de ensino. Fundação Procurador Pedro Jorge de

Melo e Silva (Orgs). 2ª ed. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais. 1ª a 8ª séries. Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco de; FERES JÚNIOR, Nazir. **A Utilização da Técnica da Entrevista em Trabalhos Científicos. Evidência: Olhares e Pesquisa em Saberes Educacionais**. Araxá, v. 7, n. 7. 2011. Disponível em: <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/200>. Acessado em: 02/01/2019.

BUZZELLI, Dayane; FACCI, Sierra Marilda Gonçalves Dias. **A educação de pessoas com deficiência intelectual: aprendizagem promove desenvolvimento**. Disponível em: <ELIZABETH%20DA%20CRUZ%20RIBEIRO.pdf>. Acessado em: 10 de maio de 2018.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Rev Bras Enferm, Brasília – DF, 2004. p. 611 – 614.

CARVALHO, Tereza Cristina de. **A Importância da Formação Continuada Colaborativa Entre Professores que Atuam com Pessoas com Autismo**. Didática e Prática de Ensino na Relação com a Formação de Professores. ENDIPE, 2014. Disponível em: <http://www.uece.br/endipec2014/ebooks/livro2/AIMPORT%C3%82NCIA%20DA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20CONTINUADA%20COLABORATIVA%20ENTRE%20PROFESSORES%20QUE%20ATUAM%20COM%20PESSOAS%20COM%20AUTISMO.pdf>. Acessado em: 14/01/2018.

CHIZZOTTI, Antonio. **A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios**. Revista Portuguesa de Educação. Universidade do Minho Braga. Portugal. Vol. 16, N° 02. 2003. Disponível em: http://www.grupodec.net.br/wpcontent/uploads/2015/10/Pesquisa_Qualitativa_em_Ciencias_Sociais_e_Humanas_-_Evolucoes_e_Desafios_1_.pdf. Acessado em: 29/12/2018.

COSTA. Fihama Brenda Lucena da. **O Processo de Inclusão do Aluno Autista na Escola Regular: análise sobre as práticas pedagógicas**. 2017. 92f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2017.

DECLARAÇÃO DA SALAMANCA de 10 de julho de 1994 – **Espanha em Linha de Estrutura de Ação em Educação Especial**. Acesso em: 17 de novembro de 2017. Disponível em: www.mec.gov.br.

ESCÓRCIO, Daniela Coutinho de Moraes. **A Interação Entre Professor e Aluno com Deficiência Intelectual em Escola Inclusiva: um estudo de caso**. 2008. 123f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

FERNANDES, Adriano Hidalgo; SILVA, Rosane Gumiero Dias da. Formação do Professor para a Inclusão do Aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Rede Regular de Ensino. In: **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**. Cadernos PDE – Versão Online, vol. 1, 2016.

FERREIRA, Maria de Fatima Matos; VICENTI, Terezinha. **O Processo de Inclusão do Aluno Deficiente no Ensino Regular Publica na Última Década no Brasil**. Uniedu, 2017. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Maria-de-Fatima-Matos-Ferreira.pdf>. Acessado em 30/11/2018.

FERREIRA, Roberta Flávia Alves. **Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista, na Educação Infantil: o desafio da formação de professoras**. 2017. 161 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FONSECA, Maria Elisa Granchi. **O Diagnóstico dos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Bauru, 2015. Acessado 17/09/2018. Disponível em: [http://www.feapaesp.org.br/material_download/283_O%20diagn%C3%B3stico%20dos%20transtornos%20do%20espectro%20do%20autismo%20\(1\).pdf](http://www.feapaesp.org.br/material_download/283_O%20diagn%C3%B3stico%20dos%20transtornos%20do%20espectro%20do%20autismo%20(1).pdf).

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2 ed, Brasília: Editora Liber Livro, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/94129626/Iniciacao-a-pesquisa-cientifica-Elisa-PereiraGonsalves>. Acessado em: 20/12/2018.

GUEDES, Nelzira Prestes da Silva; TADA; Iracema Neno Cecilio. **A Produção Científica Brasileira sobre Autismo na Psicologia e na Educação**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 31, nº 3, 2015. p. 303 – 309.

HESPANHOL, Bernadete. Turismólogo: **um olhar sobre sua formação para atender pessoas com deficiência**. 2005. 200f. Dissertação de mestrado – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MANZINE, E. J. A. **Entrevista na pesquisa social**. Revista Didática. v. 26/27, São Paulo, 1990/1991. p. 149 – 158.

MARCONI Marina de Andrade; LAKATOS Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7º ed. Ed. Atlas: São Paulo, 2007.

MARCUSCHI, Álvaro; MARTIN, Elena. **Da Terminologia do Distúrbio às Necessidades Educacionais Especiais**. 1995. Acesso em 16 ago 2017. Disponível em: <Downloads/1+Cap.+1+-+Da+Terminologia+do+Disturbio+as+Necessidades+Especiais.pdf>.

MELO, Carla Caroline Silva de. **Estratégias Pedagógicas Direcionadas ao Aluno com Autismo no Ensino Fundamental**. 2016. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2016.

MELO, Kilma Gouveia de. **O Processo de Ensino e Aprendizagem da Criança com Autismo, na Sala do Ensino Regular: das concepções às práticas das suas professoras e profissionais de apoio**. 2014. 213f. Dissertação de Mestrado – Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25 ed. Revista e atualizada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOZZATO, Anelise Rebelato; Grzybovski, Denise. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios**. Anpad, Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>. Acessado em 21/12/2018.

OLIVEIRA, Ana Paula de. **Adaptação Curricular para Autistas no Ensino Fundamental I: um enfoque na legislação educacional**. 2016. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

OLIVEIRA, Fátima Inês Wolf de. **A Importância dos Recursos Didáticos Adaptados no Processo de Inclusão de Alunos com Necessidades Especiais**. UNESP, 2002.

OLIVEIRA, José Clovis Pereira de; OLIVEIRA, Antonio Leonilde de; MORAIS, Francisco de Assis Marinho; SILVA; Gessione Moraes da; SILVA, Cícero Nilton Moreira da. **O Questionário, o Formulário e a Entrevista como Instrumentos de Coleta de Dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas**. III CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2016.

PADILHA, A. M. O que fazer para não excluir. In: GOÉS, M. R. ; LAPLANG, A. F. **Políticas e práticas de educação inclusiva**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

PAPIM, Angelo Antonio Puzipe; SANCHES, Kelly Gil. **Autismo e Inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do atendimento educacional especializado em sua prática com crianças com autismo**. 2013. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – UNISALESIANO, Lins – SP, 2013.

PAULINO, Kadu Vinicius Toledo. **Autismo**. 2015. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.

PIMENTEL, Susana Couto; PAZ, Livia Menezes da PINHEIRO; ROCHA, Ana Paula. **Espaços e práticas de inclusão na escola regular: uma leitura de pais de estudantes com deficiência.** In: Seminário Nacional Educação e Pluralidade Sócio-cultural: instituições, sujeitos e políticas públicas. Feira de Santana: UEFS, 2009. p.1 – 15.

PITTA, Marina Ortega. **Inclusão Educacional: que caminhos estamos seguindo?**. Caderno Pedagógico – Governo do Paraná, Londrina, 2007/2008. Disponível em: http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_marina_ortega_pitta.pdf. Acessado em 07/01/2019.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SPENCER, Eric. **A Criança Autista: um estudo psicopedagógico.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

ROGALSKI, Solange Menin. **HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.** Revista de Educação do Ideal, Vol. 5 – Nº 12, 2010. Disponível em: https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/168_1.pdf. Acessado em 09 maio 2018.

SALOMÃO, Josiane Caroline de Souza; JESUS, Carina Nogueira de; Palácios, Keila Cristina Medeiros. **Inclusão e Docência: breve histórico da educação especial no tocante a formação docente.** 10 Encontro Internacional de Formação de Professores – 11 Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional. 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/5184/1786>. Acessado em: 25/05/2018.

SAMPAIO, L. M. T; MAGALHÃES, C. J. S. **Inclusão de Crianças com Autismo na Escola: desafios do professor.** II Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação – Natal, 2017. p. 758 – 765.

SANTOS, Cristiane Fontes dos; SANTOS, Herica Carmen dos; SANTANA, Maria Jussara de. **O Processo de Aprendizagem de Crianças Autistas.** 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc12-3.pdf>. Acessado em: 25/01/2019.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo: Ed Cortez, 2007.

SILVA, Claudilene dos Santos. **Inclusão de Crianças Autistas no Processo de Leitura.** 2018. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

SILVA, Hanna Christina da; LIMA, Kelly Cristina Marques de; ARANTES, Adlene Silva. **O Mediador e os Desafios da Inclusão Escolar dos Aprendentes com Transtorno de Espectro Autista.** V CONEDU – Congresso Nacional de Educação. Universidade de Pernambuco Campus Mata Norte, 2018. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD_4_SA10_ID1587_03092018162431.pdf. Acessado em 18/01/2019.

SILVA, Mirelly Karlla da; BALBINO, Elizete Santos. **A Importância da Formação Frente ao Transtorno do Espectro Autista –TEA: Estratégias Educativas Adaptadas**. VI Encontro Alagoano de Educação Inclusiva/ I Encontro Nordestino de Inclusão na Educação Superior – Universidade Federal de Alagoas, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UAB/UFRGS. Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUSA, Maria Josiane Sousa de. **Professor e Autismo: desafios de uma inclusão com qualidade**. 2015. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SOUZA, Fabiola Fleischfresser de; VALENTE, Pedro Merhy; PANNUTI, Maísa. **O Papel do Professor de Apoio na Inclusão Escolar**. EDUCERE – PUCPR, 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17749_7890.pdf. Acessado em: 11/01/2019.

VASCONELLOS, Isabela Meirelles Martins; DUTRA, Flávia Barbosa da Silva. **O Papel do Mediador Escolar na Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil**. V CEDUCE – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV111_MD1_SA10_ID1480_28052018191140.pdf. Acessado em 20/01/2019.

VIEIRA, Luciane Fernandes; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Uma Abordagem Histórica da Educação Especial no Brasil e no Município de Reserva-PR. In: **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**. Cadernos PDE, vol. 1, 2014.

VIGOTSKII, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In **Vigotskii, L. S. et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone. 2006. (Trabalho original publicado em 1986).

ZANTEN, Agnês Van. **Pesquisa Qualitativa em Educação: Pertinência, Validez e Generalização**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 25-45, jan./jun. 2004. Disponível em: http://josenorberto.com.br/03_artigo_zanten.pdf. Acessado em: 07/01/2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ENTREVISTAS)

Eu, _____ aceito ser entrevistado (a) pela pesquisadora Lelizânia Martins de Sousa, graduanda no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia que tem seu projeto de pesquisa intitulado como: O Professor de Apoio como Mediador na Aprendizagem de Aluno com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola pública no município de Amargosa-Ba.

() Autorizo

() Não autorizo que meu nome seja divulgado

Amargosa, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do Entrevistado (a)

Nome do entrevistado _____

Atividade (cargo/função) _____

Contato do Entrevistado _____

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que estou ciente sobre o desenvolvimento desta pesquisa, a sua importância e seus objetivos. Fui informado (a) que todas as informações colhidas serão utilizadas somente para a realização desta pesquisa, a minha identidade será preservada, além de receber informações e esclarecimentos sobre eventuais dúvidas a qualquer momento. Dessa maneira, aceito participar e fornecer informações necessárias para a realização desta pesquisa. Portanto, deixo minha assinatura em duas cópias do presente documento, sendo que uma das cópias fica com a participante e a outra com a pesquisadora.

Assinatura: _____

Amargosa-Ba, ___/___/20__.

APÊNDICE C



ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AS PROFESSORAS

1. Qual a sua concepção acerca da inclusão da criança com TEA em sala de aula comum?
2. Qual o seu papel em sala de aula como professor mediador para a criança com TEA?
3. O que você acha necessário fazerem sala de aula para que de fato todas as crianças sejam envolvidas e incluídas nas aulas e nas atividades?
4. Quais as estratégias utilizadas para promover a aprendizagem da criança com TEA?
5. Quais são as dificuldades enfrentadas pela criança com TEA no processo de aprendizagem?
6. Durante as atividades como você percebe a relação dos colegas da sala com essa criança com TEA? Há tentativas de apoio? De que forma eles o fazem? Caso eles não tentem apoiar, o que você atribui a isso?
7. Como você avalia o resultado da mediação pedagógica da vida escolar da criança com TEA?

APÊNDICE D



ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO A DIREÇÃO ESCOLAR

1. A escola atende quantos alunos autistas?
2. Cada professor de apoio atende a quantas crianças autistas?
3. A escola possui sala multifuncional para auxiliar nas atividades das crianças autistas?
4. O número de crianças autistas que a escola atende vem aumentando ou diminuindo